ANNO XXXI. N. 12.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

TERÇA FEIRA 16 DE JANEIRO DE 1855.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.
Sobre Londres, a 28 1/4 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 1/2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas . . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas. .	16$000
» de 6$400 novas. .	16$000
» de 4$000. . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .	1$940
Pesos columnarios, . . .	1$940
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 2 horas e 54 minutos da tarde.
Segunda ás 3 horas e 18 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Janeiro. 2 Lua cheia as 5 horas, 48 minutos e 33 segundos da manhãa.
» 11 Quarto minguante ás 2 horas, 7 minutos e 38 segundos da tarde.
» 18 Lua nova as 6 horas, 17 minutos e 36 segundos da manhãa.
» 24 Quarto crescente a 1 hora, 48 minutos e 32 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
15 Segunda. S. Amaro ab.; S. Habacuc.
16 Terça. Ss. Berardo, Acurcio, Othon mm.
17 Quarta. S. Antão ab.; Ss. Elensippo e M.
18 Quinta. A Cadeira de S. Pedro Apostolo.
19 Sexta. S. Canuto rei m.; Ss. Audifas e Abacuc
20 Sabbado. S. Fabião p. m.; S. Sebastião m.
21 Domingo. 3.º depois de Reis. S. Ignez v. m.; S. Patrocolo m.; S. Epiphanio b.

PARTE OFFICIAL.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 13 de janeiro de 1855.

ORDEM DO DIA N. 200.

O Illm. Sr. coronel Manoel Muniz Tavarês, commandante das armas interino, manda publicar para sciencia da guarnição, as instrucções que convem observar nos casos de incendio, as quaes lhe foram remettidas pela presidencia desta provincia com officio datado de hontem.

Instrucções.

Para que haja a maior regularidade possivel no serviço de soccorro em casos de incendios convirá observar-se provisoriamente o seguinte; em quanto outras medidas não forem mais cumpridamente estabelecidas.

Logo que se manifestar incendio em qualquer parte desta cidade a igreja, que mais proxima lhe ficar dará immediatamente signal por meio do sino maior que tiver, e o repetirá em quanto durar o incendio.

O signal constará de 5 badaladas, se o incendio for na freguezia do Recife, de 6 se fôr na de Santo Antonio, de 7 se fôr na de S. José, e de 8 se na da Boa-Vista.

O sacristão ou guarda da igreja que primeiro annunciar o incendio, tomará uma nota do nome, morada, qualidade, e signaes caracteristicos da pessoa que der-lhe o aviso, quando não seja possivel detela, e uma vez que a pessoa não lhe seja conhecida.

Em todo o caso apresentará a nota, ou a pessoa detida, ou declaração de quem ella seja, ao chefe de policia, afim deste providenciar convenientemente, premiando o individuo com 10$000 rs., quando o aviso seja verdadeiro, ou corrigindo-o e fazendo-o punir quando se verifique que o aviso foi falso.

As de mais igrejas da cidade, quer da freguezia, onde for o incendio, quer das outras repetirão o signal com o mesmo numero de badaladas, que tiver dado aquella que primeiro annunciou o incendio, porém com pequenos intervallos.

Em cada freguezia da cidade serão pela policia organisados em capatazias os pretos ganhadores, cada um dos quaes trará pendente ao pescoço uma chapa de folha com a designação em lettras iniciaes da freguezia a que pertencer.

Logo que se dêr o annuncio de incendio, concorrerá ao lugar o director das obras publicas com os seus engenheiros e trabalhadores, e tomará a direcção do trabalho relativo á extincção do fogo, empregando os meios que a arte aconselhar em casos taes, dando a presidencia parte official do resultado, digo, de quanto tiver occorrido.

Ao signal de incendio o inspector do arsenal de marinha mandará com a possivel promptidão o seu ajudante com a bomba e trabalhadores respectivos. O director do arsenal de guerra tambem enviará com igual promptidão a companhia de artifices e a bomba. Apresentar-se-ha sem demora no lugar do incendio o capataz da alfandega com a bomba e trabalhadores da capatazia, devendo os operarios e trabalhadores destas tres estações levar comsigo escadas e baldes para carregar agua. O commandante do corpo de policia com a bomba e praças que forem bastantes: o chefe de policia, delegado, subdelegado com seus respectivos inspectores, e o capataz da freguezia com a gente da sua capatazia munida de vasilhame para conduzir agua.

Na repartição das obras publicas haverá uma bomba prompta para ser empregada, acudindo a qualquer incendio, como as de que trata o artigo antecedente, assim como haverá uma escada de mãos do comprimento de 50 palmos pelo menos.

Os subdelegados das freguezias, que não forem da do incendio, permanecerão vigilantes com os seus agentes nos seus respectivos districtos até segunda ordem da presidencia, ou chefe de policia.

A policia occupar-se-ha em tomar as medidas de segurança, e auxiliará a execução das providencias dadas, não consentindo no lugar do incendio pessoas que não possam ser empregadas no trabalho de sua extincção.

Os corpos da guarda nacional ao signal de incendio formarão nos lugares de suas paradas, e ahi permanecerão até segunda ordem da presidencia, enviando algum reforço ao chefe de policia, logo que reclame.

Na mesma occasião a força de primeira linha se conservará prompta em seus quarteis até ulterior determinação e da companhia de cavallaria serão immediatamente destacados um ordenança á disposição do director das obras publicas e mais dous á do chefe de policia.

Em quanto o director das obras publicas não se apresentar no lugar do incendio, tomará a direcção dos trabalhos o official do exercito ou da armada mais graduado, que se achar presente, e em sua falta a pessoa que fôr designada pelo chefe de policia.

Logo que houver annuncio de fogo, todos os chafarizes da freguezia em que elle se der, estarão abertos, e os seus encarregados promptos para fornecer a agua precisa.

Palacio do governo de Pernambuco 8 de janeiro de 1855.—*José Bento da Cunha e Figueiredo.*

Conforme.— *Candido Leal Ferreira*, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

— 51 —

ORDEM DO DIA N. 201.

O coronel commandante das armas interino, faz publico para que tenha devido effeito, que o governo de S. M. o Imperador houve por bem por aviso do ministerio da guerra de 11 de dezembro do anno passado, conceder tres mezes de licença de favor, pyra goza-la onde lhe convier, ao Rev. capellão da repartição ecclesiastica do exercito Frei David da Natividade de Nossa Senhora, addido ao 9.º batalhão de infantaria, devendo deixar em seu lugar para exercer as funcções do seu ministerio em dito batalhão a outro sacerdote a contento do commando das armas.

Faz publico igualmente, que nesta data contrahio novo engajamento por mais seis annos, nos termos do regulamento de 14 de dezembro de 1852, e decreto n. 1401 de 10 de junho do anno passado, precedendo inspecção de saude, o soldado da 2.ª companhia do 4.º batalhão de artilharia a pé Antonio Felicianno dos Anjos, o qual perceberá alem dos vencimentos que por lei lhe competirem o premio de 400$000 rs. pagos na forma do art. 3. do citado decreto, e findo o engajamento uma data de terras de 22.500 braças quadradas. Desertando, perderá as vantagens do premio, e aquellas a que tiver direito, será considerado como recrutado, descontando-se no tempo do engajamento o de prisão em virtude de sentença, averbando-se esse desconto, e a perda das vantagens no respectivo titulo como está em lei determinado.—*Manoel Muniz Tavares.* — Conforme *Candido Leal Ferreira*, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

EXTERIOR.

A NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS.

Extractos da resposta á Memoria do tenente Maury pelo Sr. P. de Angelis.

Wolff nas suas *Instituições do direito natural e das gentes*, ensina a mesma doutrina: « O direito que temos ao uso innocente das cousas que pertencem a outro foi chamado direito de utilidade innocente, como para lembrar que he um dever imperfeito.

« Em virtude dos direitos de utilidade innocente, resto da communidade primitiva, cumpre conceder passagem aos viajantes e ás mercadorias pelas terras e pelos rios sujeitos ao nosso dominio, e cumpre tambem permittir que os viajantes ahi residam por justas causas. Mas como pela liberdade de que gozam as nações *compete a cada uma dellas ou áquelle que representa seus direitos*, decidir se a passagem ou a residencia lhe seria nociva deve-se concluir *que não he permittido passar por um territorio ou ficar nelle sem consentimento expresso e tacito do senhor.* E pela mesma razão he evidente que compete ao senhor do territorio dictar as condições sob que quer permitti-lo (1.) »

« Podemos, segundo Puffendorf (2), ter boas razões para recusar a passagem ás mercadorias estrangeiras, *quer pelos rios ou braços de mar* que estão sob nossa dependencia: porque além de ser ás vezes nociva e suspeita a um estado a demasiada affluencia dos estrangeiros, porque não deverá um soberano assegurar a seus proprios subditos as vantagens que os estrangeiros podem tirar da passagem que se lhes concede? Admittamos que permittindo aos estrangeiros transportarem suas mercadorias, sem nada pagarem pela passagem, não soffrâmos prejuizo algum, e que elles não nos causem nenhum damno aproveitando-se de uma vantagem de que poderiamos gozar antes delles; como elles não tem o menor direito de privar-nos della, porque não procurariamos reserva-la para nós? *Porque não prefeririamos o nosso interesse ao seu?* »

A estas autoridades deve-se juntar a de Vattel:

« Chama-se uso innocente ou utilidade innocente, a que se pôde tirar de uma cousa, sem causar nem perda, nem incommodo ao proprietario; e o direito de uso innocente he aquelle que se tem áquella utilidade ou a este uso que se pode tirar das cousas que pertencem a outrem, *sem causar nem perda, nem incommodo.*

« *Este direito de uso innocente não he um direito perfeito como o da necessidade*; porque he ao senhor que compete julgar se o uso que se quer fazer de uma cousa que lhe pertence não lhe causara nem damno nem incommodo. Se outros pretendem julga-lo e constranger o proprietario em caso de recusa, este deixará de ser senhor de sua propriedade. *Muitas vezes o uso de uma cousa parecerá innocente áquelle que se quer aproveitar della, posto que realmente o não seja*; querer forçar o proprietario he expor-se a commetter uma injustiça, ou antes he commette-la actualmente, pois que he violar o direito que lhe pertence de julgar o que elle deve fazer.

Em todos os casos susceptiveis de duvida *não se tem mais do que um direito imperfeito ao uso innocente* de todas *as cousas que pertencem a outrem.* (3) »

Burlamaque estabelece as regras que se devem seguir nos casos de necessidade extrema.

« Para julgar, diz elle (4), com mais precisão casos em que a obrigação imperfeita se torna perfeita e rigorosa, cumpre estabelecer estas tres condições:

1.º Que a pessoa que exige de nós um serviço esteja em risco de perecer, ou pelo menos que esteja exposta a soffrer um mal de muita consideração;

2.º Que ella não possa dirigir-se a outrem para sahir do embaraço;

3.º Finalmente, que nós mesmos nos não achemos na mesma necessidade, isto he, que possamos acceder ao que se nos pede, sem nos expormos a graves perigos.

Essa unanimidade dos publicistas não deixa a menor duvida sobre o caracter imperfeito do direito de uso innocente. Os autores modernos, que tem escripto sobre a applicação dos principios do direito natural, ao commercio internacional tem adoptado a mesma theoria. Chitty na sua celebre obra desenvolve-a assim. (5):

« Partindo dos principios que os deveres da humanidade nos permittem, em caso de competencia, preferir-nos aos outros, não exageramos nada concluindo que *todas as vezes que ha probabilidade de que os nossos interesses sejam lesados por uma concessão qualquer feita aos estrangeiros, temos o direito perfeito de recusar essa concessão*; e este prejuizo que receiamos não he somente no caso em que a nossa moral, nossas leis ou nossa segurança possam ser compromettidas, basta que desejemos escolher ou explorar nós mesmos a vantagem que outro solicita para si. Por consequencia, os argumentos daquelles que sustentam a liberdade da passagem das mercadorias como um direito natural e perfeito, reduzem-se, em direito e em justiça commum, a esta simples proposição: —Uma nação não deve recusar a seus vizinhos amigos vantagens que ella não pode conceder-lhes sem perda nem inconveniente para si propria —; proposição eminentemente clara, e que poucos estados terão vontade de contestar. E pode-se affirmar sem hesitação que além desse ponto *a permissão de passagem para os subditos e as mercadorias dos outros estados, a menos que tenha sido estipulada por tratados, não he um dever sobre relação alguma*, fóra talvez alguns casos extraordinarios em que a recusa seria contraria á voz da humanidade. »

Um publicista americano que escreveu sob as mais liberaes inspirações, Wheaton, exprime-se nestes termos: (6)

« As cousas cujo uso he inexgotavel, como o mar e a agua corrente, não podem ser apropriadas de maneira que se prive os outros do uso desses elementos; mas *elles não podem usar dellas senão com a condição de que não haja para o proprietario nem perda nem inconveniente.* He assim que temos visto que a jurisdicção exercida por uma nação sobre as enseadas, estreitos e outros braços de mar que, passando pelo interior do seu territorio, juntam dous mares communs a todas as nações, não tira ás outras nações o direito de passagem innocente por essas vias de communicação.

« O mesmo principio he applicavel aos rios que correm de um estado para o mar pelo territorio de outro estado. O direito de navegar para um fim commercial por um rio que atravessa o territorio de differentes estados he commum a todas as nações que habitam as differentes partes dessas margens; mas, *como este direito não he senão de passagem innocente, o que os publicistas chamam direito imperfeito*, o seu exercicio he *necessariamente modificado pela segurança e conveniencia do estado que a concede*; *e não pode ser realmente assegurado senão por um tratado que lhe regule o exercicio.* »

Em resumo, o direito de uso innocente não se confunde com o direito de necessidade; não he senão um direito imperfeito; não se exerce senão em casos accidentaes, e sob a condição de não causar nenhum prejuizo á nação proprietaria. Só esta he que póde decidir se o uso lhe he ou não prejudicial.

Appliquemos estes principios, e as pretenções do Sr. Maury cahirão por si mesmas.

Estabelecemos que no ponto de vista do direito, segundo o rigor dos principios, os Estados proprietarios dos affluentes do Amazonas não podem pretender a navegação da parte inferior daquelle rio, mas não aconselhamos por isto ao Brasil, que lhes feche essa grande via de communicação. O governo do imperio offereceu ás cinco republicas tratados de navegação, a bandeira do Perú fluctua já no meio do imperio do Brasil; porém esta faculdade não emanará para esses estados de um direito natural, mas do benevolo consentimento do imperio.

O Sr. Maury pretende que as republicas hespano-americanas tem um direito natural a essa navegação; pretende mesmo que se não póde fechar aquelle rio a nenhuma bandeira.

O Brasil exerce no Amazonas o direito de soberania e de imperio, he proprietario da parte desse rio que banha o seu territorio. Um só caso poderia dar a uma nação estrangeira o direito absoluto de usar dessa propriedade, o caso de extrema necessidade.

Este caso de extrema necessidade existe para os ribeirinhos do Amazonas.

Venezuela, cujas costas são banhadas pelo mar das Antilhas, he atravessada pelo Orenoco. O territorio meridional dessa republica que faz parte do valle do Amazonas não he mais do que um vasto deserto.

A Nova Granada possue portos excellentes no Grande Oceano e no mar das Antilhas. Os limites extremos de seu territorio estão mais proximos do mar do que da embocadura do Amazonas.

O Equador pode dar sahida a seus productos e receber as mercadorias de exportação pelo littoral do Grande Oceano.

O Perú tem no mesmo mar portos numerosos e commodos, frequentados pelos navios mercantes do antigo e do novo continente.

A Bolivia estende-se tambem pelas margens do Grande Oceano. Tem alli um porto, Cobija, pelo qual seus productos podem expedir-se para a Asia, e chegar á Europa dobrando o cabo de Horn. Se esse porto situado no deserto da Acatama, não basta para o seu commercio, o Paraguay e seus grandes affluentes, o Pilcomayo, o Vermejo, offerecem ás suas mercadorias um caminho facil para o Atlantico pelo Paraná e pelo Rio da Prata. A Bolivia he banhada tambem pelos affluentes do Amazonas, mas a parte superior do Madeira e do Tapajós apresenta á navegação obstaculos quasi invenciveis; a via natural da communicação da Bolivia com o Oceano he o Paraguay e seus affluentes que remontam até ao centro mesmo da republica. He o que demonstrou recentemente o Sr. Leon Favre, em uma obra sobre os rios da Bolivia. Depois de ter descripto o curso dos affluentes do Amazonas, o Beni, o Momoré e o Madeira, indicado as cachoeiras, as rapidas correntes que tornam perigosa e difficil a navegação desses rios, e mostrado o trabalho prodigioso que seria necessario para cortar a cachoeira de *Santo Antonio* e o famoso *Salto d'Iciama*, conclue que esses numerosos e enormes obstaculos não poderão ser vencidos senão n'um tempo cujo termo he impossivel fixar, « ao passo, acrescenta elle, que o Vermejo está alli, ás nossas portas, rolando placidamente suas aguas até ao Atlantico, e offerecendo o meio mais prompto para livrar a Bolivia do seu encarceramento (7). »

Cada um daquelles estados tem uma ou varias sahidas para o seu commercio.

Não existindo pois o caso de necessidade, não tem aquelles estados senão um direito essencialmente imperfeito a navegação do Amazonas. As vantagens que colheriam da faculdade de navegar naquelle rio seriam immensas; mas o *uso innocente* está sujeito a rigorosas condições.

He necessario primeiramente que esse uso não seja causa de nenhum damno para a nação proprietaria.

Depois, he a nação proprietaria que compete decidir se póde fazer essa concessão sem prejudicar seus interesses. Qualquer que seja a sua decisão não ha remedio senão conformar com ella.

A faculdade concedida ás republicas hespano-americanas de navegar até á foz do Amazonas forçava o Brasil a tolerar a residencia permanente de estrangeiros no meio de tribus semi-selvagens, pouco habituadas á obediencia; o Brasil podia vêr nisso um perigo para sua segurança, podia tambem desejar conservar para si as vantagens resultantes dessa navegação em vez de reparti-las com outros, e responder com uma recusa formal aos pedidos daquelles estados.

Estava no seu direito; mas confiando na bôa fé de potencias amigas, ligadas ao seu imperio por interesses e necessidades communs, offereceu o sacrificio de seu direito exclusivo, e propôz a formação de uma liga santa a favor do progresso, da civilisação e do commercio.

He assim que a republica do Perú, que aceitou a generosa proposta do Brasil, póde transportar directamente seus productos até ao Oceano pelo Amazonas. Esta faculdade tem por origem, não um direito, mas a concessão outorgada pelo imperio do Brasil no exercicio de sua soberania.

Os outros estados ribeirinhos, aceitando as mesmas condições, dando ao Brasil as mesmas garantias, poderão gozar das mesmas vantagens. O Brasil assenta que faltando estas condições correria perigo abrindo-lhes seus rios. Só elle he que póde decidir se esta medida convém ou não a seus interesses, se, n'uma palavra, o uso que outros querem fazer de sua propriedade he ou não innocente.

Tal he a consequencia logica dos principios que temos desenvolvido.

O Sr. Maury não faz caso algum destes principios; affirma contra a evidencia que o direito de uso innocente confere ás nações ribeirinhas do Amazonas a faculdade de navegar em todo o curso do rio, mesmo quando o Brasil se oppuzesse a isso. Não contente por ter erigido em verdade esta pretenção erronea, aconselha ás nações estrangeiras que *façam valer*, em nome das republicas hespano-americanas, esse pretendido direito, que elle nem se dá ao trabalho de estabelecer nem de discutir! Esta conclusão inesperada prova certamente mais em favor da audacia do que da logica do official americano.

Não pára ahi. O zelo com que esposa os interesses das republicas da America do sul valeria ao Sr. Maury os maiores elogios, se não deixasse perceber ás vezes o fim a que aspira. Não reclama a favor daquelles estados a faculdade de descer o Amazonas até ao mar e subi-lo, senão para dar aos Estados-Unidos um pretexto para chegarem mesmo até ao centro da America do Sul.

« Se estas nações abrissem seus portos interiores, diz elle, e se *um navio americano* ou inglez, navegando com *sua bandeira*, quizesse penetrar até esses portos, o Brasil não lhe fecharia a foz do Amazonas. »

Eis ahi o segredo dessa amizade, demasiado viva para ser sincera.

Que razão allegaria o Sr. Maury?

A necessidade? A vontade do Brasil, unica que tem a faculdade de decidir, em semelhante materia, o que exigem seus interesses, bastaria para paralysar essa pretenção; e muito duvidamos de que elle não ache algum inconveniente em deixar penetrar os Estados-Unidos no interior de seu territorio.

Que direito resta ao Sr. Maury para invocar em apoio de sua temeraria reclamação? Nenhum, a não ser o direito do mais forte.

Lamentariamos sinceramente as republicas da America do Sul se, arrastadas pelos protestos de amizade do Sr. Maury, prestassem ouvidos a perigosas suggestões.

O Sr. Maury, esquecendo-se do tratado de 22 de outubro de 1851 e das generosas propostas feitas pelo imperio ás republicas hespanholas, designa-lhes o Brasil como o inimigo de sua prosperidade nascente, e deixa-lhes entrever que os Estados-Unidos aceitariam com enthusiasmo propostas de intervenção. Porque he que o Sr. Maury, que se gaba a cada momento do seu amor pela humanidade, sopra a discordia entre estados amigos e vizinhos? Esperaria por acaso que sua patria colhesse os fructos dessa fatal desunião? Se por desgraça um daquelles estados se deixasse transviar por esses perfidos conselhos, a paz, e com ella o progresso nascente, estariam por longo tempo compromettidos, toda a America Meridional estaria ameaçada de um perigo que seria difficil conjurar; e o estado que tivesse sido bastante cego para attrahir essa desgraça, em breve se arrependeria. Se os Estados-Unidos pozessem um pé no Brasil, quem poderia levantar barreiras á sua ambição?

A paz, a união entre todos os estados ribeirinhos do Amazonas, eis o que aconselha a natureza e o interesse commum.

O Brasil, a Bolivia, o Perú, e Equador, a Nova Granada e Venezuela tem uma obra immensa e gloriosa que concluir. As mesmas necessidades, os mesmos interesses e tambem os mesmos perigos as unem. Esta preciosa solidariedade he o penhor do successo de sua grande empreza: a civilisação do extenso valle do Amazonas. Uma amizade intima e fiel entre todos aquelles estados permittir-lhes-ha assegurar a efficacia de seus esforços communs por medidas cada vez mais amplas e fecundas; graças a esta união, todas as suas forças poderão convergir ao mesmo fim; a emigração européa levará áquellas bellas regiões a unica riqueza que lhes falta, o trabalho. Uma população laboriosa cobrirá as margens desertas dos affluentes do Amazonas, a industria juntará suas maravilhas ás maravilhas da natureza, e a America Meridional terá de ufanar-se de sua civilisação.

(Continua.)

(Jornal do Commercio do Rio.)

(1) Wolff *Instituições do direito natural e das gentes. Cap. 4.º*, §§ 1 e 130 *e cap. 5.º* § 313.
(2) Puffendorf. *Tratado do direito natural e das gentes.*
(3) Vattel. *Direito das gentes, liv. 2.º*, §§ 127. 128.
(4) *Elementos do direito natural, cap.* 3.º.
(5) *Chitti. Leis commerciaes.* Tom. 2.º.
(6) *Elementos de direito internacional, p.* 243.
(7) *Noticia sobre a navegação dos rios da Bolivia*, pelo Sr. Léon Favre, consul geral e encarregado de negocios da Republica Franceza.

ABERTURA DAS AULAS NO INSTITUTO INDUSTRIAL DE LISBOA.

Relatorio do director interino do dito instituto, José Victorino Damazio.

Senhores.—A abertura dos cursos regulares do instituto industrial de Lisboa foi destinada para o dia de hoje; e o conselho escolar julgou conveniente que, antes de começarem os nossos trabalhos, nos reunissemos em familia para nos congratularmos por tão auspicioso acontecimento, que certamente muito deve influir no progressivo desenvolvimento da industria do nosso bello paiz, e que na historia della já assignala uma época notavel.

Desde muitos annos, que todos os ministros a quem coube a nobre missão de dirigir os negocios publicos, teem feito mais ou menos esforços para melhorar a educação e instrucção da classe industrial. As antigas escolas de architectura, as aulas e officinas creadas na casa-pia, e no arsenal do exercito, as academias de bellas artes, a academia polytechnica do Porto, e outras creações analogas, provam que nos conselhos do governo houve, em todas as épocas, o pensamento e a vontade de proseguir com mais ou menos vigor, com maior ou menor efficacia, o aperfeiçoamento da industria. E he justo confessar que aquellas instituições bastante concorreram, umas directa, outras indirectamente, para os progressos em que hoje se encontra a nossa industria.

Apezar, porém, da importancia destes estabelecimentos, nenhum satisfazia todas as necessidades industriaes: uns porque eram destinados a alumnos especiaes; outros porque tendo só lições diurnas, não podiam os operarios aproveita-las sem sacrificio de uma parte do seu já diminuto salario; outras, porque tendo de doutrinar alumnos na parte difficil e transcendental das sciencias, não eram os cursos apropriados á instrucção elementar de que os operarios carecem; finalmente todos aquelles estabelecimentos eram ineficazes e incompletos, porque os principios theoricos se não ligaram á pratica das officinas; porque se não pôde attender, a que não he só a leitura dos melhores livros, nem o estudo dos mais perfeitos modelos e desenhos, nem as mais proficientes e conscienciosas lições oraes, que podem enriquecer a industria de bons operarios, e intelligentes mestres de fabricas.

A associação industrial portuense deve, por certo, gloriar-se muito pela creação de uma escola industrial aonde se teem ensinado todos os ramos das sciencias de que os industriaes carecem! A classe industrial do Porto muito se deve honrar por ter, a expensas suas, levado á execução tão grandioso pensamento! E honra e gloria cabe ao illustrado ministro que lh'o consentio e os coadjuvou. Por equivalentes esforços merece a nossa gratidão o centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas. Mas os recursos de uma associação particular não eram sufficientes para estabelecer o ensino theorico e pratico no seu devido desenvolvimento, e para dar a estabilidade a unidade, a garantia que teem as escolas quando são creadas por lei, quando são subsidiadas pelo thesouro publico.

O actual ministerio, reconhecendo isto, decretou a creação do instituto industrial de Lisboa, e a escola industrial do Porto; mandou estabelecer officinas modelos em que se aprenda a trabalhar bem e depressa, a produzir bom e barato; ligou o ensino theorico ao ensino pratico; comprehendeu as verdadeiras necessidades da industria. As côrtes da nação converteram este decreto em lei do estado; e nós hoje faltariamos ao nosso dever, se não nos unissemos para prestar ao governo e aos representantes do povo a homenagem dos nossos louvores e do nosso sincero reconhecimento.

Fui honrado por S. M. com a nomeação de director interino do instituto industrial, e he nesta qualidade, senhores, que a vós me dirijo hoje. Reconheço as debeis forças que tenho para exercer um lugar que exige attributos que em mim não encontro. Aceitei, porque ligo esta graça á honra que a associação industrial portuense me fez já, elegendo-me reitor da sua escola; porque estou convencido que foi ella, e não eu, que mereceu do governo tamanha prova de consideração.

Se não posso, porém desempenhar, como desejo, todos os deveres de um encargo superior ás minhas forças, posso levantar a minha voz, e autorisado com o vivo interesse que tomo por tudo quanto he util ao meu paiz, convidar-vos a seguir com dedicação e constancia os trabalhos que vamos encetar — a não abandonar nunca o santo proposito de vos elevardes pela illustração, e pela perfeição de vossas obras, á cathegoria que a civilisação vos reserva.

Decorreram muitos seculos, nos quaes as artes e as sciencias, posto que se prestassem mutuos e indispensaveis serviços, não quizeram nunca unir-se e considerar-se como irmãs. Por isso he que muitos principios que poderiam ter applicações immediatas e uteis, jazeram milhares de annos sem utilidade pratica. Por isso he que as artes, faltando-lhes os luminosos fachos das sciencias, se debateram por seculos em tentativas infructuosas. Por isso he que as descobertas foram quasi sempre devidas ao acaso, custando, de ordinario, a fortuna e a vida de muitos individuos.

Logo que os homens scientificos entraram nas officinas; logo que os industriaes conheceram, que só a sciencia os podia guiar no vasto e escabroso campo da industria; logo que os instrumentos se misturaram com as formulas; logo que muitas officinas se converteram em laboratorio chimico; logo que as sciencias e as artes se deram as mãos, se chamaram irmãs, se encaminharam unidas ao mesmo fim, teem marchado com tal rapidez, que mal pode o espirito segui-las nos maravilhosos progressos do seu desenvolvimento!

A belleza e variedade das côres, a sua fixação, o seu modico preço, com que tanto se tem enriquecido a tinturaria e estamparia, não serão devidas aos immensos progressos da chimica? Poderá hoje duvidar alguem, de que não sejam aquellas artes uma das partes mais delicadas da chimica industrial?

Sem auxilio da mechanica, sem conhecimento das formulas, para calcular a resistencia dos materiaes, poderiam os serralheiros emprehender essas magestosas pontes de ferro, essas grandiosas armações de edificios, essas grandes rotundas, esses vigamentos que supportam pesos enormes? Poderiam arriscar-se a construir estas obras, sujeitando-se a que ellas, nas grandes cargas de prova, não excedam uma determinada flecha de flexão? Poderiam milhares de pessoas, sem a menor perturbação de animo, atravessar com enormes velocidades precipicios profundos?

Não he minha intenção dar-vos, nem mesmo breve idéa das grandes descobertas que honram o nosso seculo: das grandes maravilhas que tem produzido a intima ligação das sciencias com as artes, symbolisada na locomotiva e na photographia.

Não o poderia fazer senão imperfeitamente; sendo no decurso das lições, que haveis obter mais illustrada e lucida demonstração, quando se tratar de cada principio scientifico, e das suas applicações ás diversas industrias. Não o deveria fazer, porque incita-los ao estudo e ao amor da sciencia, a vós que todos os dias lamentaes nas officinas a falta della, a vós, que apenas o governo vos abre as portas da instrucção correis a pedir illustração para o espirito, e perfeição no trabalho, seria uma injuria que não mereceis, e de que sou incapaz.

Desde a mocidade que me tenho dado ao estudo das sciencias, e cada dia mais o aprecio. Lamento que a minha vida e saude me não permittam dedicar-lhe todas as horas de existencia. Amo-as porque enobrecem o homem; porque teem creado industrias novas, que sustentam com decencia milhares de familias, porque teem inventado centenares de machinas, que vieram emancipar o homem do trabalho bruto, deixando-lhe unicamente o que he só delle, o que o eleva no meio da creação—o trabalho da intelligencia!

Não devo fatigar-vos mais neste ponto. Trataremos antes das nossas mutuas relações.

Na lei das escolas industriaes, nos seus regulamentos, e em instrucções geraes e especiaes, tem o governo de S. M. ordenado do modo mais positivo e explicito, quanto na sua solicitude julgou conveniente e necessario, para que a instrucção industrial, assim theorica como pratica, se adaptasse á capacidade e profissão dos alumnos. Aos cuidados, zelo, dedicação e pontualidade dos professores entregou o governo a honrosa tarefa de alimentarem nos seus discipulos o gosto da sciencia, de lhes suavisarem o estudo, de os elevarem pelos estimulos; n'uma palavra, de concorrerem por todos os meios para completar a sua perfeita educação industrial.

Para tornar mais proficuos os cursos regulares, ordenou o governo que, em cursos livres, se ensaiasse o mais vantajoso methodo de ensino. E, afim de completar a instrucção industrial, mandou organisar officinas, aonde praticamente se demonstrassem todos os principios ensinados e desenvolvidos nas aulas.

Madnou organisar a officina de instrumentos de precisão para crear no paiz esta interessantissima industria, para reparações e construcção dos instru-

FOLHETIM.

O PARAIZO DAS MULHERES. (*)

Por Paulo Feval

PROLOGO.

O PHAROL.

CAPITULO XIII.

O PRIMEIRO TIRO.

Em toda a extensão dessa costa veem-se risonhas habitações meio occultas debaixo das tilias. O lado occidental do cabo e as praias que se prolongam formando uma curva até á ponta de Erqui, offerecem um aspecto gracioso e alegre.

A casa do grande Rostan de que temos fallado muitas vezes sem nunca lá irmos, fazia energicamente excepção a esta regra. Era uma especie de fazenda, composta de edificios agglomerados como ao acaso, e na qual se podia alojar uma familia numerosissima, e os criados necessarios para uma cultura importante.

O todo tinha uma physionomia triste. O grande Rostan nunca havia cuidado em conservar sua casa, e o pai tivera a mesma negligencia; assim os diversos edificios rachados de alto a baixo mostravam seus tectos arruinados, e os caixilhos quebrados, nos quaes ninguem vira nunca vidros.

Não havia vaccas no curral, nem ovelhas no aprisco; só a estribaria era habitada; porque o grande Rostan amava os cavallos.

Seus credores accusavam-no de manter uns vinte cães de caça mais ferozes do que lobos. Uma matilha tamanha não se nutre facilmente, e o fidalgote devia antes pagar suas dividas.

No meio dessas construcções, que se iam arruinando cada vez mais, o corpo do edificio menos estragado servia para a habitação de Francisco Rostan e de sua familia. O primeiro andar fôra abandonado como o resto, e o pavimento terreo composto originalmente de uma só sala e de um curral fôra dividido em quatro quartos oblongos. O primeiro era occupado por Victoria, e tinha a sahida para o jardim; o segundo era a alcova do casal, o terceiro era para os meninos e a velha Renotte, e o quarto, onde se achava a grande chaminé, servia de cozinha.

Dizemos de proposito *os meninos*; pois ainda que Irene era até então a unica filha de Magdalena, esta estava ha muitos dias de esperanças, e o segundo berço estava já preparado junto do outro. Renotte, a unica e ultima criada que Rostan havia conservado, tinha sua cama de palhas em um canto.

O quarto de Victoria tinha uma janellinha para o jardim, além do qual estava o penhasco, e depois o mar. As janellas dos outros quartos davam para um pateo lodoso, e por toda a parte escavado, que não tinha mais portão desde um inverno rigoroso, em que Francisco Rostan necessitára de lenha.

Além do pateo, onde cacarejavam as lindas gallinhas de Victoria, havia um caminho de quinze pés de profundidade cavado pela passagem das carretas. Dos dous lados elevavam-se uma escarpa a pique coberta de arbustos gigantescos. Na distancia de meio tiro começava a floresta de Maurepar.

Eram dez horas no relogio velho do carvalho. Raras vezes o grande Rostan voltava antes de meia noite, e de ordinario a vigilia passava-se entre Victoria, Magdalena e o pequeno pastor Sulpicio, que vinha animar Irene. A velha Renotte fiava na cozinha debaixo do panno da chaminé, cantando estribilhos do tempo passado. Victoria bordava ou meditava, Magdalena soltava as dobras dos vestidos da filhinha que ia crescendo, o pastor narrava alguma ingenua historia, e a pequena Irene adormecia sorrindo e fechando as palpebras a seu pezar.

Ella amava a Sulpicio mais do que a Victoria sua tia, e quasi tanto quanto a mãi. Quando adormecia debaixo do olhar protector de Sulpicio, dormia bem; mas quando o pastor faltava-lhe, agitava-se no leito até á manhãa: era uma noite de febre. As canções da velha Renotte não podiam applaca-la.

Renotte estava nessa casa ha muito tempo, e tinha servido ao pai de Rostan. Quando o fidalgote voltava embriagado, maltratava-a ás vezes; mas ella não o aborrecia, porque o tinha amamentado. Nos bons dias Francisco Rostan a chamava *ama*, e então a velha orgulhosa chamava-o seu filhinho. Renotte tinha salario; mas nunca lh'o pagavam.

Nessa noite Magdalena tinha velado sosinha, e não havia ninguem no quarto de Victoria. Ao anoitecer, Magdalena recolhendo-se com as dores do parto, mandara um rapazinho chamar João Touril em falta de qualquer outro medico; porém João Touril tinha essa noite tarefa mais importante.

Chegando á casa, Magdalena lançou-se sobre o leito, e chamou até ás nove horas Victoria, sua irmãa, a qual não podia ouvi-la; mas ás nove horas perdeu o animo sentindo-se abandonada.

A pobre Irene tinha chorado todo o dia, porque não vira a tia, nem a mãi, nem o pastor Sulpicio, seu amigo. A' força de chorar tinha adormecido. O somno dos meninos he difficil de perturbar-se; assim Irene não ouvia os gritos da mãi.

Quanto á velha Renotte, era surda como um canhão, desde vinte annos. Volvia a manivella de seu engenho com um movimento regular e lento, molhava o fio na esponja que tinha na roca como um annel no dedo, e sua voz tremula acompanhava fielmente o grito surdo da roda roçando o eixo. Emquanto Magdalena chamava, Renotte cantava a endecha de Jouvente, a qual tem cento e sessenta e nove coplas, e esperava o fim para ir deitar-se.

O fogo jazia debaixo das cinzas, e nada havia sobre o fogão; mas viam-se á claridade da vela acesa debaixo do panno da chaminé longos pedaços de toucinho, e linguas de boi no fumeiro. O vaso de cidra da velha aquecia brandamente sobre os cães de ferro; de quando em quando ella estendia a mão rugosa, e levava o vaso á bocca: isso alentava-a.

O vento soprava violentamente da parte de fóra, e os caixilhos arruinados das janellas rangiam. O rumor do mar vinha pelo cano da chaminé, e mais de uma vez desde a bocca da noite tinham-se ouvido tiros ao longe.

Renotte nada ouvia de todo isso, nem mesmo o grito de afflicção que deu Magdalena, quando comprehendeu que a crise ia ataca-la sosinha e sem soccorro.

Acabava a octogesima terceira copla da endecha de Jouvente, a qual diz que a cidra e o amor verdadeiro são deliciosos.

Victoria! onde estava Victoria? E Sulpicio? Magdalena tinha esperado muito, e não podia mais levantar-se da cama. Chamou Irene; mas sua voz já estava fraca; chamou Renotte e os passageiros, que Deos favoravel tivesse podido conduzir a esse caminho; chamou até por seu marido Francisco Rostan; mas em vão.

A candeia que ia-se apagando e estava fóra de seu alcance, apenas lançava clarões intermittentes. Magdalena tentou orar, porque veio-lhe a idéa de que ia morrer. Essa escuridão ameaçadora a gelava de terror. Fez um ultimo esforço para descer da cama; mas seu corpo torceu-se, e um doloroso estertor suffocou-se-lhe no peito.

A candeia lançou um ultimo clarão, e apagou-se. Não se ouvio mais no quarto de Magdalena outra cousa que lamentações confusas.

Um homem atravessava nesse momento a passos largos o bosque de Maurepar. Apezar das trevas profundas, elle ia sem hesitar, escolhendo de alguma maneira instinctivamente entre as numerosas veredas que se cruzavam. Tinha o vestuario de marinheiro, e o chapéo de couro encerado; ao chegar a grande avenida, que desembocava no caminho cavado, e conduzia directamente á Casa, parou um instante para enchugar o suor das fontes. No fim do caminho brilhava francamente a janella da cozinha.

— Victoria está alli! disse o desconhecido pondo a mão sobre o coração.

Antonio Rostan, marquez de Maurepar, continuou a andar, e chegando logo ao fim da floresta, saltou promptamente o caminho cavado. Seus olhos adevinhavam o claro perfil de Victoria atravez das vidraças enfomaçadas e quebradas.

Quando entrou no pateo procurou uma casinha, que servia de aposento a Biquette, a bella cabra loura; mas achou-a vasia. Antonio esperava quasi isso mesmo.

— Onde terá ella posto o menino? perguntou comsigo tomando o caminho da cozinha.

Renotte não ouvio o joven marquez Antonio que batia á porta. Este applicou o ouvido um instante para ver se perceberia uma voz conhecida atravez das taboas frouxas da porta; mas não ouvio o que esperava, nem o que podia temer, isto he, nem a voz de Victoria nem a de Rostan. Antonio abrio o ferrolho e entrou.

— He vossê, Francisco? perguntou a velha erguendo a cabeça, porque o vento de fóra agitava a luz. Dizem que esta he sua ultima noite boa, e vossê quer dormi-la em paz...

Mas parando, poz a mão sobre os olhos, e tornou com colera:

— Não he Rostan! são horas improprias para entrar-se na casa alheia.

Antonio não tinha mais necessidade de informar-se se o primo estava em casa, empurrou a porta que tornou a fechar-se com estrondo, e caminhou directamente para Renotte.

— Oh! minha velha amiga, disse elle, sou Rostan; não me reconhece?

Renotte via sómente o movimento de seus labios que fallavam. Em sua lembrança o marquez Antonio era um rapazinho fresco, rosado e risonho, com buço em torno dos labios, e tinha diante de si um homem feito, empallidecido pela fadiga. Sua memoria, que não era ajudada pelo som da voz nem pelas palavras do recem-chegado, falhou-lhe.

— Um marinheiro! resmungou ella, aqui não he estalagem!

Antonio lembrou-se de que ella era surda, e gritou não podendo mais reter o nome que enchia-lhe o coração:

— Onde está Victoria?

— Quer beber? disse a velha. Oh! oh! não he esse o embaraço... elles tem sempre sede!

E derramando um pouco de cidra morna no fundo de uma tigela, porquanto teria tido remorsos de faltar ás leis da hospitalidade, tornou:

— Beba, e retire-se!

— Victoria! Victoria! repetio Antonio.

E vendo que a velha o não comprehendia, agarrou-lhe as mãos com violencia, e gritou-lhe ao ouvido:

— Victoria e Magdalena!

— Ah! disse Renotte desprendendo-se indignada, a cidra he boa, assás boa para ti? Queres vinho? Espera que o dono da casa chegue; elle irá talvez á adega!

A velha meneava a cabeça quasi branca, e seu sorriso era cheio de ameaça.

Um grito fraco ouvio-se no interior da casa. Antonio ficou immovel e applicou o ouvido. Como a velha ia fallar novamente, elle fechou-lhe a bocca á força, e tomou a vela.

Renotte encarou-o admirada, pareceu-lhe que o via pela primeira vez, e seus olhos fixos tomaram um brilho selvagem.

— Ah! disse ella, Rostan tem ciumes de ti!..... lembro-me bem... Não verás Magdalena!

Antonio escutava ainda. Outro grito mais fraco chegou até elle.

Renotte tinha ido pôr-se diante da porta dos meninos brandindo a roca como um dardo. Para ir ao aposento de Magdalena era mister atravessar esse quarto.

— He uma voz de mulher! disse Antonio, deixa-me passar, velha!

E lançou-se ao quarto, porque ouvira um terceiro gemido. Renotte deu-lhe valerosamente com a roca na cabeça. Antonio quiz affasta-la para passar; mas ella agarrou-se-lhe ao corpo, e seus dedos curvados rasgaram o panno do vestuario do marinheiro, bem como as unhas de uma fateixa rasga a areia da praia.

— Meu filho disse-me que amavas sua mulher! repetia ella; ah! ah! já voltas-te?... Rostan tem uma espingarda; elle brevemente ha de fallar-te.

Antonio conseguio abrir a porta. Um gemido semelhante a um estertor vinha do terceiro quarto. Antonio derribou a velha Renotte e poz-lhe o pé sobre o pescoço; mas Renotte cravou-lhe as dez unhas na carne da perna gritando:

— Rostan! meu filho! elle quer matar-me para levar tua mulher!

Não era mais a reflexão que impellia o joven marquez, era uma especie de instincto. Elle sabia que não se tratava de Victoria, e todavia o pensamento de Victoria permanecia-lhe obstinadamente no espirito. Ao menos Victoria devia ter parte nesse drama, qualquer que fosse.

Que drama era esse? que se passava ou que se tinha passado nessa habitação solitaria? A velha tinha fallado como se Francisco Rostan estivesse ausente; mas tinha podido mentir. Longe de todo o soccorro, nessa negra noite de tempestade duas mulheres contra um homem...

Antonio julgava o grande Rostan capaz de tudo. Nessa hora suprema de sua ruina que não podia elle exigir de Magdalena e de Victoria? A idéa de um assassinio passou como um sopro sinistro pelo espirito de Antonio de Maurepar. Nada teria podido impedir esse homem que nada tinha a perder. Dous assassinios talvez. E quem sobreviveria, Victoria ou Magdalena?

Rostan ainda estava alli?...

O joven marquez estendeu a cabeça ao segundo quarto, e levantando a vela vio o berço onde Irene loura e linda como um anjo dormia pacificamente. Era uma menina debil, cuja belleza não parecia feita para este mundo.

Renotte suffocada chamou duas vezes:

— Rostan! Rostan!

O joven marquez apertou-lhe a gravata sobre a bocca, e arrancando a corda de tripa que servia ao engenho prendeu-lhe as mãos e pés ao annel da masseira. Depois tomou a luz e dirigio-se ao terceiro quarto.

Vio Magdalena estendida sobre a cama, e junto della um menino recem-nascido.

. . . .

O quarto de Victoria estava vasio. O livro de orações estava aberto sobre a mesa na pagina, em que ella lera a oração da manhãa, e junto do livro uma carta fechada.

Entre os dous castiçaes de cobre que ornavam a chaminé, um pequeno globo de vidro guardava um ramalhete de flores silvestres já seccas.

Antonio tinha na fronte uma pallidez mortal; tomou a carta e volveu-a um instante entre os dedos.

— Minha irmãa Victoria ausenta-se ás vezes assim desde algum tempo, disse Magdalena, a qual tinha-se assentado sobre a cama e embalava o filhinho nos braços.

— Não receia que lhe tenha acontecido alguma desgraça? perguntou o joven marquez.

Magdalena meneou a cabeça lentamente, e repetio com um sorriso desanimado:

— Alguma desgraça! póde acontecer aqui outra cousa senão desgraças?

— Eu vinha busca-la, disse Antonio.

O olhar de Magdalena brilhou e depois extinguio-se.

— Quero padecer sósinha! murmurou ella.

Essa pobre alma magoada tinha uma saudade em sua resignação!

— Victoria não teve confiança em mim, tornou com fadiga, e com voz que não tinha mais inflexões; meu marido tomou-lhe tudo o que ella tinha: talvez me aborreça por isso.

Uma lagrima brilhou-lhe nos olhos.

— Então perguntou o joven marquez, depois de um momento de silencio, vossê nada sabe della nem de seu filho?

Magdalena repetio como quem ouvio mal:

— De seu filho?

E passando muitas vezes as costas da mão pela fronte, disse por fim:

— Ah! vossê está agora mui rico.... casará com minha irmãa.... tenho pensado nisso mais de uma vez.... porém de que filho quer fallar-me?

Um instante o coração de Antonio tinha-se enganado. Elle desejára apertar o recem-nascido contra o peito; mas a pallidez de Magdalena dizia-lhe quanto ella acabava de soffrer.

— Eu he que tenho um filho, tornou ella abaixando os olhos, dous filhos.... Tem ouvido fallar de nós, meu primo? Amanhãa não teremos mais asylo.

Antonio tomou-lhe as mãos e disse-lhe:

— Vossê não he minha irmãa, Magdalena? Que lhe fiz para vossê duvidar de mim?

— Vossê detesta e despreza meu marido, respondeu Magdalena,

— Por favor, exclamou Antonio ajoelhando junto do leito de cansaço, falle-me de Victoria!... A que horas ella se recolhe á casa?.... Onde posso acha-la?.... Esta demora faz-me morrer!

Magdalena meditava dizendo:

— Se eu tivesse sabido que minha irmãa tinha um filho.... mas ella fez bem não dizer-me nada. Sou a mulher de Francisco Rostan; como teria ella confiança em mim? Eu a via sahir e ficar muito tempo longe da casa. Dizia comigo: Ella está aborrecida de ver-me chorar continuamente...

— Ah! interrompeu-se de repente com uma lagrima nos olhos; minha irmãa he muito feliz! Tanto melhor, meu Deos! Não sou invejosa.... Ella temeu que eu a reprehendesse pela sua falta!

Parou e seus olhos ficaram fixos no ar. Antonio a contemplava tão mudada pelo soffrimento, e todavia ainda tão admiravelmente bella. Antonio tinha amado a mais moça depois da primogenita, diriamos quasi pela primogenita; as primeiras palpitações de seu coração tinham sido por Magdalena. Não era sómente piedade que lhe inspirava essa pobre mulher, ella participava da ternura profunda e cavalleirosa que elle sentia por Victoria.

— Ouça-me! disse ella; agora me recordo... Mas como posso pensar nas outras, grande Deos!.... Lembro-me que ella fallou-me de uma rapariga dos antigos Bretões que alimentava o filhinho com o leite de uma cabra....

Ha uma caverna la do outro lado do cabo Trehel...

— A gruta das Gaivotas? interrompeu Antonio.

— Sim, a gruta das Gaivotas. Veio-me a idéa de ir procura-la hoje la; mas o pobre machinista disse-me que ella me esperava em casa.... Eu caminhava difficilmente.... Vossê vio Irene? Ella dorme? O pastor não veio, sem duvida porque soube que seremos brevemente lançadas fóra de casa. Irene poderá dormir na charneca; mas o menino....

Um soluço rasgou-lhe o peito. Antonio quiz fallar; mas ella fechou-lhe a bocca com um gesto e continuou rapidamente:

— He lá que vossê ha de acha-la... ou talvez na parochia de Saim Cast; porque ella he muito piedosa, e depois que he mãi, deve orar ainda mais.... Que horas são? Ella volta sempre uma hora antes de Francisco.

Antonio tirou o relogio.

— Sempre! repetio Magdalena desfazendo-se em lagrimas; ah! meu Deos! eramos ainda uma familia. Eu padecia, mas a menina tinha um berço e pão.

— Magdalena, disse Antonio, minha querida irmãa Magdalena! São onze horas; ella volta ás vezes tão tarde assim?

— Tenho visto, murmurou Magdalena cruzando as mãos sobre o lençol, tenho visto as pobres mãis que andavam pelas estradas com os filhinhos magros e nus....

O recem-nascido deu um grito doloroso, e ella apertou-o apaixonadamente ao coração. Antonio que tinha-se levantado tornou a cahir de joelhos exclamando:

— Em nome de Deos! minha irmãa Magdalena, nada receie pelos que lhe são charos.... Nao ha ninguem na gruta das Gaivotas.... Temo.... o lenço de Victoria estava todo molhado de lagrimas....

Magdalena applicou o ouvido. Um rumor leve vinha de fóra. Antonio lançou-se á janella e abrio-a.

— He o vento!.... disse Magdalena.

— He o vento, repetio Antonio.

Com effeito o vento susurrava nas grandes arvores do bosque.

Antonio foi assentar-se aos pés da cama. A claridade da luz dava-lhe plenamente no rosto.

— Minha irmãa, tornou elle brandamente, quer vir comnosco? Seus filhos serão nossos tambem, vossê se esquecerá do que tem padecido.

— Sou a mulher de Francisco Rostan, respondeu Magdalena com ar sombrio; meus filhos são filhos delle.

— Pois fique, se he esse seu dever, minha irmãa; Francisco he meu primo, e o que tenho contra elle póde ser esquecido. Sou assaz rico para resgatar sua casa e tornar a entrega-la.

Magdalena encarou o marquez como se as palavras pronunciadas não tivessem sentido para ella. Antonio estendeu sorrindo a mão para o menino. Magdalena levantou o recem-nascido nos braços e lh'o deu chorando.

— Não sei... não sei... balbuciou ella, temo enganar-me quando fallam-me de ventura.

No momento em que o joven marquez ia tomar o menino para consagrar sua promessa, ouvio-se um tiro na direcção do bosque de Maurepar. Antonio saltou para adiante, e vacillou levando a mão ao peito. O menino cahio sobre os lençoes, e Magdalena saltou fóra do leito.

— Estou ferido, disse Antonio, cuja face tornava-se livida.

— Ah! ah! disse uma voz no pateo, meu filhinho não errou o tiro!

(Continuar-se-ha.)

(*) Vide o *Diario* n. 11.

MUTILADO

ILEGÍVEL

mentos das nossas escolas e academias, das repartições publicas, e dos particulares.

A officina de modelação, na qual os alumnos que se dedicarem á talha, especialmente á empregada nas fundições, aprendam a executar com elegancia e com arte os moldes de ornatos, ou seja para uso interno do instituto, ou seja para fornecer qualquer fabrica ou officina particular.

A officina de fundição para se fundirem objectos delicados, e para se fazerem experiencias e ensaios sobre a melhor construcção dos fornos, ventiladores e diversos reagentes; afim de se obter a maior economia do combustivel, o augmento do effeito util da força empregada, e melhorar a qualidade dos metaes fundidos.

A serralheria e as forjas aonde os alumnos podessem applicar os principios de phisica á economica e melhor distribuição do calorico nos fogões e caloriferos; aonde se exercitassem nas variadas applicações de geometria descriptiva, aprendendo a executar qualquer desenho como economia de tempo e de materiaes, sem tentativas prejudiciaes seguras no resultado dos processos geometricos.

A officina de desenho na qual os aprendizes e alumnos fizessem os desenhos necessarios nas outras officinas ou encommendados por particulares.

A officina de lythographia tanto para o uso indispensavel do instituto, como para ensaio dos aperfeiçoamentos que esta arte tem tido nos paizes mais adiantados, e para experiencias que possam levar a novos aperfeiçoamentos.

O laboratorio chimico, assim para o estudo da chimica industrial, como para fornecer algumas industrias de preparados que se não encontrem no mercado; e crear preparadores ou mestres de chimica que possam estabelecer novas industrias no nosso paiz.

O governo não se limitou ás providencias, que ligeiramente acabo de expor. Ordenou que se fizessem, e se comprassem as machinas, que auxiliam o trabalho; e prescreveu que as officinas e fabricas particulares se prestassem todos os auxilios, não só dos processos adoptados no instituto, mas de machinas e apparelhos.

Tudo isso porem seria inutil, se não houvesse um systema regular de trabalho, se não houvesse economia nas construcções, se não se estabelecesse a mais rigorosa fiscalisação, e a mais simples e clara contabilidade, de modo que as officinas fossem modelos para a industria particular, e que o instituto cumprisse a sua missão pela influencia do ensino, e pela não menos efficaz do exemplo.

Outro objecto havia que demandava providencias efficazes e reflectidas; era a aprendizagem. Traçar o quadro dos abusos, crueldades mesmo, que dentro e fóra do paiz, se teem praticado no trabalho das crianças, seria longo, alheio ao meu proposito, e demasiado doloroso e triste n'um dia de festa para a industria nacional! Basta saber que na Inglaterra e na França, os gemidos de milhares de victimas, de tão inhumana exploração, chegaram ás mais elevadas regiões do poder; e em ambos os paizes se promulgaram leis com o fim de reprimir factos, que envergonham a humanidade, que entorpecem e damnificam o desenvolvimento da industria. Nas fabricas e officinas particulares os aprendizes entram por um contracto escripto ou verbal. Nas officinas do instituto o governo ordenou que essa admissão se fizesse por condições previamente estabelecidas, e que n'um regulamento especial se definisse a natureza do trabalho, a sua duração, o methodo de ensino, e os castigos: de modo que o caracter dos aprendizes fosse ennobrecido, e não humilhado; que a sua saude fosse robustecida, e não deteriorada, e que das officinas do instituto sahissem operarios distinctos pela perfeição do seu trabalho, e pelo seu irreprehensivel procedimento.

Com este complexo de providencias, o governo não teve sómente em vista educar e instruir a classe, que do trabalho faz a sua profissão: quiz igualmente attrahir a cultura das artes, e sciencias correlativas, uma classe que até hoje, para evitar uma aprendizagem longa e humilhante, tem fugido da industria. A estes he que se deve apontar para o prospero futuro de algumas artes, de que tanto carecemos.

A engenharia mechanica he indispensavel para a grossa serralheria; he indispensavel ao desenvolvimento dos caminhos de ferro, e navegação a vapor. O engenheiros mechanicos teem, n'um futuro não mui distante, uma profissão rica de todos os meios, para satisfazer as necessidades physicas, para engrandecer o seu nome, para ennobrecer o seu paiz! Carecem, ha verdade, os que a ella se dedicarem, de uma grande coragem, de uma inalteravel equanimidade, para soffrerem, sem irritação, e sem desalento, as criticas da inveja, ou da ignorancia, e a opposição injusta dos interesses contrarios. Mas, vencido este escolho, o resultado he infallivel e glorioso.

As officinas do instituto hão de funccionar não só como escola pratica, mas com fabrica; e nesta relação devem ganhar para o seu proprio desenvolvimento. E como o governo não quer aproveitar-se dos lucros das officinas, ordenou, que uma parte delles se dividisse pelos mestres contramestres, e primeiros officiaes. Por este meio os artifices devem zelar, como seu os interesses das officinas: hão de exercer uma fiscalisação activa; hão de promover a maior economia; hão de esforçar-se por firmar o credito do instituto na perfeição nitidez, e barateza dos artefactos. Mais ainda os artistas assim interessados nos lucros das nossas officinas, podem obter, no fim de alguns annos, instrucção theorica, habilidade pratica, e capital para montarem um estabelecimento independente.

Tudo isto, que acabei de relatar, se encontra em differentes regulamentos provisorios. O conselho escolar e o technologico fizeram quanto em si coube, por comprehender as indicações do governo, attender ás necessidades da instrucção industrial, o corresponder a confiança que o governo nelles depositou.

Individualmente, todos os Srs. professores teem executado as restrictas recommendações superiores. Muitas pessoas presentes são testemunhas de que os Srs. professores do instituto industrial de Lisboa poderão ser igualados, mas difficilmente serão excedidos na sua educação pelo ensino, na sua assiduidade, na escolha dos meios para promover o adiantamento dos seus discipulos, finalmente na sua pontualidade. Durante cinco mezes de cursos livres, não houve uma falta, nem mesmo alguns segundos de demora! Não houve dias feriados, nem domingos: todos foram dias de estudo e de ensino; todas as portas do instituto estiveram sempre patentes aos alumnos, que vinham procurar instrucção; e nunca a estes alumnos faltou um ou mais professores para os dirigir.

No entanto he forçoso confessar, que no desenho he absolutamente impossivel, que um só professor attenda e dirija convenientemente duzentos, e mais discipulos. A experiencia dos cursos livres mostrou que nem mesmo os esforços combinados dos dous Srs. professores da 2.ª e 3.ª cadeira, eram sufficientes a tão crescido numero de alumnos. Crearam-se decuriões. O conselho escolar, cingindo-se ás indicações do governo, mandou escolher dos alumnos, que frequentaram os cursos livres, aquelles que mais se distinguiram pelo seu talento, pela sua applicação, pelo seu proceder, pelas suas maneiras, e pela sua profissão compativel com este encargo.

Nas instrucções sobre deveres dos decuriões o conselho esforçou-se por fazer comprehender — que no ensino não he só necessario conhecimento do que se ensina — mas brandura de maneiras, circumspecção, prudencia e constancia.

Não perderei esta occasião de dar um testemunho publico, e solemne, de que, durante os cursos livres, o procedimento dos alumnos, foi superior a todo o elogio. Respeitaram, como deviam, a sua casa de instrucção. Realisaram as esperanças, que o governo tinha na aptidão dos artistas. Justificaram a creação do instituto; enraizaram-na no nosso paiz, como indispensavel para o aperfeiçoamento da industria.

Sobre o aproveitamento dos alumnos nos nossos cursos de ensino, fallarão por mim as provas que vos serão patentes nas respectivas aulas. He por estes trabalhos que deve avaliar-se a disposição que teem os artistas portuguezes para o desenho, e quanta elegancia de formas e bom gosto devemos esperar nos seus artefactos, logo que lhes seja familiar o desenho de ornatos. He igualmente por estes trabalhos que deveremos ajuizar que, apenas os nossos artistas conheçam bem as regras que devem seguir nos projectos de machinas disporão do melhor modo os diversos orgãos adoptarão as formas mais adequados a resistencia com a maior economia de materiaes.

Não devo, porem dissimular uma falta que espiritos observadores podem notar, estes desenhos não apresentam aquella firmeza no traçado das curvas, aquella elegancia, mesmo exactidão de formas, que era para desejar. As sombras não teem aquelles limites rigorosos, aquellas gradações e reflexões de luz, que a theoria das sombras, como applicações da geometria descriptiva, tanto recommenda e ensina. Mas estas faltas, desculpaveis sem duvida em alumnos, que pela maior parte nenhum conhecimento tinham do desenho, são devidas a não receberem os alumos aquelles preliminares indispensaveis para saber desenhar e terem logo entrada em estudos pertoutentes ao 2.º e 3.º anno de desenho.

O conselho escolar conheceu bem, que não se seguindo as verdadeiras regras do ensino, haveriam, e nem era possivel deixar de hever, as fallas indicadas. Mas receiou que os alumnos, havidos de instrucção, achassem moroso e longo o systema de ensino que a lei prescreve, e que he o verdadeiro. Receiou que os alumnos esmorecessem, duvidassem mesmo da capacidade dos professores para os dirigir no difficil estudo do desenho industrial. Julgou por isso conveniente que estes mostrassem que conheciam todos os processos empregados no desenho industrial; que sabiam e podiam ensinar a compôr e a inventar desde a mais simples moldura até ao desenho de ornato mais phantastico e caprichoso; que fizessem bem comprehender como nestes se executam rigorosamente as fórmas geometricas, como dellas nos servimos, já como auxilio, inscrevendo ou circumscrevendo os ornatos parciaes ou totaes nas figuras de geometria, já como pontos de referencia para facilidade e regularidade dos trabalhos. Julgou o conselho que só por este meio se poderia ganhar aquelle credito, aquella confiança que he indispensavel ao bom aproveitamento do ensino.

Convencidos os alumnos, por este ensaio, de que devem plenamente confiar nos seus professores, podem encetar os cursos normaes e regulares com a paciencia indispensavel ao seu aproveitamento. Na certeza que perfeitamente conhecedores do desenho linear, com mais vantagem e facilidade entrarão no estudo da geometria descriptiva, no desenho de ornato, e de machinas.

Alguns alumnos houve tambem, que, depois de frequentarem o desenho de ornato nos cursos livres, se deram ao estudo da talha. Os seus primeiros trabalhos vos será presentes, e por elles avaliareis quantos progressos devemos esperar dos nossos artistas neste ramo industrial, em que o gosto e o luxo tanto capricham.

Tudo isto prova a incontestavel aptidão para as artes, que os nossos artistas desenvolvem. Mas ha mais; elles mesmos querem emancipar-se da rotina que lhes tem escravisado a intelligencia; elles mesmos pedem e reclamam a instrucção, como uma necessidade, e já como um direito. Um facto occorreu nos cursos livres, que demonstra evidentemente esta verdade.

Todos sabem quanto fatigam os primeiros estudos da arithmetica e geometria: todos podem presumir que sacrificio se exige de um opperario, obrigando-o no verão, quando trabalha desde as 5 horas da manhãa ás 8 da tarde, a roubar duas horas ao seu descanço, para ouvir a explicação daquellas disciplinas. O conselho escolar levado desta consideração, resolveu terminar os cursos em maio. Mas, logo que esta resolução foi annunciada aos alumnos de arithmetica, elles unicamente pediram que se continuasse no ensino, e os cursos só em agosto se fecharam! He um facto que honra a classe dos artistas. He um facto que exprime o maior elogio de uma classe, que até hoje se tem debatido nas angustias da rotina; que aspira a um futuro de prosperidade, e que se não contenta por ver de longe a terra da promissão.

Carecemos ainda de ter junto ao instituto um collegio para alumnos, que as juntas de districto, as camaras municipaes, os estabelecimentos pios, os particulares mesmo, mandem das provincias receber no instituto ou na escola a instrucção industrial, mais necessaria nas provincias do que nos dous grandes centros industriaes do nosso paiz. He não só necessaria mas pedida, reclamada já por muitos artistas que desejam dar a seus filhos uma educação, que elles infelizmente não poderam obter nunca.

Carecemos tambem de possuir um codigo de leis industriaes, em que se attenta. e regulem as variadas relações da industria nos progressos que ella tem feito, e nos maiores ainda que, dentro em pouco, ha de fazer, pelos illustrados impulsos que a actual administração lhe tem dado.

Firmado o ensino em bases solidas e duradouras o que a todos —professores e discipulos— nos cumpre fazer, he proseguir com perseverança no caminho encetado: mostrar ao governo que comprehendemos o elevado e civilisador pensamento que dictou a creação do instituto; provar ao paiz que não são perdidos nem infructuosos os sacrificios que por nós se fizerem. Assim havemos bem-merecer dos nossos concidadãos; assim havemos obter para a classe industrial a importancia e consideração de que ella carece; assim havemos convencer o governo da necessidade de transplantar para o nosso paiz uma instituição que já funcciona nos paizes mais adiantados: um tribunal composto de peritos, eleitos pelos industriaes, que decidam e julguem, summariamente e sem labyrintho de fórmas todas as questões suscitadas entre os individuos, que da industia façam profissão habitual.

As jurisdicções privativas, não por privilegio de castas, mas pela natureza especial das questões, são uma garantia de mais seguro descobrimento da verdade, e de maior equidade na decisão. A industria, como o commercio, tambem demanda conhecimentos especiaes, e não tolera, sem risco de succumbir, ou de entorpecer a morosidade dos processos ordinarios.

Confiemos, pois, que o governo, que tanto tem feito a beneficio da industria e das classes laboriosas, que tem protegido todas as associações de artistas, dando com a sua tolerancia occasião a desmentir-se a calumnia que os mal intencionados dolorosamente levantavam contra o espirito de ordem, contra os os instinctos de conservação, contra as legitimas aspirações de progresso, que, sempre e em todas as épocas, tem animado a classe industrial; confiemos, repito, que o governo nos continue propicio, que ouça as nossas reclamações e complete a obra da nossa regeneração industrial.

Agora terminarei com uma declaração tão franca como verdadeira.

Tendo sido encarregado de estabelecer o instituto industrial, ainda não encontrei o menor embaraço em nenhum individuo. Os senhores lentes, de quem me honro de ser collega, tem-me em tudo coadjuvado da melhor vontade, com inimitavel zelo e dedicação. S. Ex., o Sr. ministro das obras publicas, commercio e industria, tem approvado todas as requisições, todas as propostas feitas pelo conselho escolar e technologico. Não he ao governo, não he aos professores, mas a mim, que devem ser imputadas quantas faltas, quantos erros se tem commettido. Sobre mim só deve recahir toda a responsabilidade.

Estão abertos os cursos regulares.—*José Victorino Damasio.*

Está conforme. Repartição das manufacturas, em 21 de outubro de 1854. — *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

(*Diario do Governo.*)

LISBOA

7 de dezembro de 1854.

QUESTÃO IBERICA.

Um dos escriptores da nossa imprensa, que apresenta os seus artigos nas columnas desta folha, annuindo ao convite da *Nação*, manifestou-se franca e lealmente contra a pretendida união iberica, fosse qual fosse o modo porque ella se nos apresentasse. Sincero e erudito defensor das liberdades patrias não concebe que possa haver vantagem alguma que compense a perda da independencia e nacionalidade que tanto amamos; hoje, porém, penna mais humilde, mas coração não menos cheio de dedicação pela patria, propõe-se a seguir o rasto de tão distincto collega, empenhando-se na mesma luta; deverá notar-se menos elegancia no estylo, mas não poderá sentir-se menos efficacia no intento; menos brilho no espirito, porem não menos ardor na vontade.

Concordes neste momento, com as idéas do jornal absolutista, somos de parecer que todos os que pertencem ao fôro da imprensa devem necessariamente manifestar a sua opinião sobre a grave questão que se agita; d'entre os que meneiam a penna como escriptores publicos, não pode por certo esquivar-se algum a emittir parecer sobre as doutrinas que tem por fim a perda da nossa nacionalidade.

Os acerrimos sectarios do iberismo proseguem nas suas instancias, e procuram encarecer a grande prosperidade de que viremos a gozar se consentirem no indissoluvel enlace dos dous reinos da peninsula, estas idéas correm perigo de se irem propagando, e de levarem apoz si alguns incautos e inexperientes, se não houver quem procure elucidar o publico sobre a incompatibilidade de tão irrealisaveis promettimentos.

A idéa iberica he incontestavelmente entre nós anti-popular: o povo portuguez extremamente cioso da sua independencia não pode por forma alguma, nem a troco das maiores fortunas, convir na imposição de jugo estrangeiro.

Esta união que se nos inculca não quer dizer senão assimilação e absorpção: o reino mais vasto em territorio, mas fertil em recursos, dentro em pouco, depois de unido comnosco, ha de exercer sobre nós o direito do forte contra o fraco; ha de expor-nos á sua tutella, ha de absorver-nos e assimilar-nos, esquecido já das clausulas celebradas na escriptura que firmasse a juncção dos dous paizes intimamente ligados.

Não he preciso recorrer aqui a historia, recordando-nos das encarniçadas lutas que temos sustentado, desde a desmembração da peninsula pelo casamento do conde D. Henrique, para evitar ou sacudir o jugo de Castella; não he mesmo necessario recorrer aqui aos argumentos que a philosophia nos ensina, deduzidos da notavel differença de caracteres entre os dous povos, para se dar por provado a inconveniencia de annuir as pretenções do iberismo.

A propria razão natural he mais que sufficiente para nos convencer a inoportunidade de semilhantes planos.

O que mais nos magôa, porém, he vermos que d'entre os nossos proprios escriptores alguns se mostram affeiçoados ao nosso aniquilamento, como nação mostrando-se até dispostos para assistir com galas festivaes ao interramento da nossa liberdade e independencia: com a mira unicamente nas vantagens materiaes que suppõem poderiamos obter pela união iberica, não acham motivo bastante para lhe obstar, na consideração da honra e dignidade que devemos manter.

Assim como d'entre os philosophos alguns ha tão desvariados que não acreditam senão na vida physica do corpo humano, sem quererem admittir a existencia de um espirito que se não extingue com elle, assim outros entre os politicos não conhecem senão as vantagens materiaes do corpo social a que pertencem, sem darem a menor importancia aos sentimentos de brio e pundonor que o devem animar.

Nós porém ainda que fracos, sinceros apreciadores das notaveis tradições de gloria que possuimos, quando mesmo acreditassemos nas vantagens promettidas pelo iberismo, por forma alguma as acceitariamos pelo preço da nossa deshonra e avillamento: pobres e obscuros, muito embora, mas livres e independentes sempre, temos resignação para o infortunio, porém não temos valor para a degradação por isso vimos assentar o nosso campo nos arrayaes contrarios aos defensores do iberismo, promptos a sustentar com todo o vigor qualquer recontro dos nossos adversarios.

Não admittimos a fusão iberica como util para nós, actualmente no estado em que nos achamos, e muito menos quando chegarmos a maior elevação e desenvolvimento: hoje pouco felizes, em vez de irmos encontrar nessa juncção melhoras para nossos males, vê-los-hiamos mais agravados abusando-se facilmente da nossa posição; e no futuro sendo mais ditosos com mais razão nos encheria de horror a idéa do nosso aniquilamento, indo entregar essa felicidade que tivessemos adquirido a sua administração em que não poderiamos confiar.

Expondo assim desafogadamente a nossa opinião entre a grave questão que se suscita de união ou nacionalidade, repellindo toda a idade iberica, quer seja de effectuar a juncção por matrimonio de principes, quer por estabelecimento de uma republica federativa, quer seja para já, quer seja para daqui a mais annos, limitamo-nos por agora simplesmente a fazer estas reflexões geraes sobre a materia, reservando para outra occasião entrar com mais profundidade na discussão, sem nunca deixarmos de respeitar a opiniao dos nossos antagonistas, por isso que os não podemos suppor animados de intenções sinistras em assumpto de tanta transcendencia.

(*Imprensa e Lei*)

Tivemos folhas hespanholas do dia 27. No congresso discute-se o regulamento interino. Em sessão de 25 as votações importantes foram as seguintes:

Versou a primeira sobre uma emenda do Sr. Gaminde para que fosse publica a votação do presidente e vice-presidente da assembléa; foi rejeitada por 129 deputados contra 91; e tendo ainda fallado alguns oradores contra o respectivo artigo, approvou-se este tal qual a commissão o apresentára. A segunda votação recahio sobre uma proposta do Sr. Ordax Avecilla, tendente a eliminar-se o artigo 31 que estabelece o traje de que hão de usar os deputados nas sessões reaes, ou quando as deputações forem ao Paço. Em votação nominal regeitou-se a emenda do Sr. Avecilla por 153 votos contra 43.

O projecto em globo foi impugnado pelos Srs. marquez d'Albaida, Escossura, e Iglesias, reduzindo-se principalmente os seus argumentos á prohibição de fallarem no congresso os que não forem deputados, e ao systema que se estabelece da divisão da assembléa em secções.

Defenderam-se satisfactoriamente os Srs. Olózaga, Avecilla (D. Paulo) e Figueras. Com tudo, a commissão aceitou, com applauso geral, a idéa de que ficassem reduzidos ao numero de quatro os vice presidentes, e a de que não usem os deputados, como traje de côrte, mais do que o vestido de preto.

No dia 26 continuou a discussão sem incidentes notaveis. Uma emenda do Sr. Garrido para que se désse conta de todas as propostas de lei que formulassem os deputados, sem necessidade de que as secções autorisassem a sua leitura, deu lugar a vivos debates que terminaram por uma votação nominal, na qual 177 votos contra 104 approvaram o pensamento da commissão, contrario ao do Sr. Garrido: isto he, o novo regulamento, como os que vigoraram até agora, exige para a leitura publica de qualquer proposta, que esta seja autorisada, pelo menos, por uma das sete secções.

A questão mais transcendente foi a que promoveu o Sr. Salmeron a respeito dos artigos relativos á mensagem á corôa para que se considerassem transitorios. Desagradou a todos os partidos o discurso do proponente. Além disso, o seu additamento era inopportuno, pois que sendo interno o regulamento provisorio, eram tambem os artigos relativos á mensagem, como provou completamente o Sr. Madoz, que exprimio o desejo de discutir para que cesse o divorcio que existe entre o throno e o povo. O aditamento foi rejeitado pelo congresso.

Parece que a candidatura para os quatro vice-presidentes, offerecida por parte da fracção progressista-democratica, apresentará os nomes dos Srs. Olózaga, Portilla, Alsina e Bautista Alonso; e a da secção setima, apoiada com os votos da fracção independente, apresentará os dos Srs. O'Donnell, Dulce, D. Paschoal Madoz, e Olea.

Lê-se em a *Nacion*:

« Estamos autorisados para assegurar que carece de fundamento a noticia que demos, referindo-nos a outros periodicos, sobre ter embarcado n'um porto dos Estados-Unidos uma partida de piratas com derrota para a ilha de Cuba. »

N'outra parte do mesmo jornal achamos o seguinte artigo:

« A cholera invadio com intensidade Logronho, atacando, segundo as ultimas participações, oitenta pessoas, das quaes falleceram vinte.

« A duqueza da Victoria tinha sahido dias antes para Burgos, onde se acha. Tambem se manifestaram alguns casos na Biscaia, procedendo tudo das actuaes relações com Santander.

« Sem embargo disso, a epidemia vai desapparecendo da maior parte das provincias que foram invadidas: em Malaga onde appareceu, ha pouco, não adquire grande desenvolvimento; em Granada onde havia causado algum terror, apenas se contam alguns atacados dessa enfermidade; em Valencia ja não existe; em Murcia e na Corunha está proxima a extinguir-se; em Bilbano apenas causou alguns casos fataes; em Santander o numero dos obitos ja não excede o dos tempos normaes; e em Saragoça entrou no periodo da declinação.

« Este aspecto satisfactorio, que em geral apresentam as provincias, que foram accommettidas da cholera, dá lugar a crer que por fim desapparecerá totalmente da peninsula, cessando a inquietação geral e devolvendo-se a tranquillidade aos animos.

Os fundos publicos hespanhoes tinham subido algum tanto no mercado de Madrid. As acções do banco hespanhol de S. Fernando mantinham-se ao par.

(*Revolução de Setembro.*)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO, 1.º DE JANEIRO DE 1855.

Retrospecto annual.

Politica externa geral.

Mais um anno acaba de sumir-se no abysmo do passado, mais um anno foi reunir-se a essa longa succesão de dias que constitue a vida da humanidade no globo em que a lançou a mão potente do Eterno: eis desponta no horisonte um anno novo. Os tempos se continuam, nada de sensivel separa hoje de hontem, e todavia a essas divisões que a principio o seu capricho, ao depois as suas descobertas astronomicas lhe dictáram, liga o homem uma idéa positiva e fixa; hontem foi o anno velho, do qual se despede, hoje he o anno novo, a quem sauda.

Como o viajante que em longa jornada encontra, em distancias regulares, marcos milliarios, pousadas certas em que descansa, assim na jornada da existencia a separação de anno a anno são as pousadas certas em que o nosso espirito descansa.

Quando ás vezes nisso reflectimos, e vemo-nos ajustar novos planos, novas combinações de vida *para o anno*, confiar do novo anno que nos será mais benigno do que o que finda, e no meio dessas reflexões attendemos a que entre o ultimo nocturno minuto do dia 31 de dezembro e o primeiro matutino minuto do dia 1. de janeiro nada corre de permeio, não ha intervallo, uma triste observação nos assalta. Costumamos dizer: o passado a ninguem pertence, o futuro pertence a Deos; só o presente he nosso, e julgamos ter dado do nosso nada uma idéa muito clara e philosophica; pois bem, desherdemos o homem do que no tempo pensa elle que possue: o presente não he delle, o presente não existe: tudo he ou passado ou futuro; « *fugit hora: hoc quod loquor indè est.* »

Sigamos porem o costume; admittamos uma separação de anno a anno; já da ampulheta do tempo cahio o derradeiro grão de arêa de 1854; o relogio fatidico no silencio da noite de 31 de dezembro fez ouvir doze sons: 1855 ahi começa, saudemos o anno novo; e despedindo-nos do que está concluido vejamos, pelo que lhe deve o homem, se a sua memoria tem de ser abençoada ou praguejada, se devemos fazer votos para que seja continuado pelo anno que ahi nasce, ou para que tenha este de emendar-lhe os erros.

Nesse trabalho retrospectivo consideremos primeiro a humanidade toda; depois attenderemos ao que mais directamente cabe á nossa terra; veremos se o sentimento de angustia que nos leva a maldizer do anno que findou, a fazer votos para que não tenha continuação, deve modificar-se em attenção aos nossos negocios internos, ao desenvolvimento da grandeza e da prosperidade da nossa patria.

O anno de 1854 foi um dos mais fataes á humanidade: nelle as sciencias não realisaram beneficio algum desses que tem marcado com tantos prodigios o progresso da civilisação; nelle nem uma descoberta engenhosa veio exaltar a confiança do homem no poder da sua intelligencia. Igualmente não houve obra alguma momentosa dessas que mostram que o genio dos Pharaós erguendo as inuteis pyramides, que o genio dos Romanos construindo os seus aqueductos, os seus colyséos, está de muito excedido pelos modernos. O anno foi de guerra e de diplomacia; trocaram-se notas e balas; toda a energia, toda a intelligencia das grandes nações em taes exercicios se despendêram; não houve lugar nem tempo para as pacificas conquistas da razão, para os progressos do bem-estar da humanidade.

Como se a guerra não bastasse, a colera celeste juntou-lhe duas pragas que della soem ser inseparaveis: a peste e a fome. O cholera-morbus não quiz que fossem entregues ao canhão os batalhões guerreiros sem que lhe houvessem primeiro pago a sua funebre vintena; e soprando sobre os exercitos deixou que o vento da adversidade espalhasse ao longe o seu halito venenoso.

Já de antemão a carestia havia obrigado os governos a precaverem as necessidades primarias dos povos que lhe estão confiados. A prudencia porém, ainda ajudada de todos os recursos de grandes riquezas, poderá alliviar, nunca fazer de todo desapparecer o soffrimento. Para conseguil-o cumpre que o homem se faça lavrador, já que a terra he a unica que lhe dá alimentação; infelizmente o mundo faz-se industrial, negociante, foge da lavoura, e então basta que a um anno de producção escassa outro succeda de escassa producção para que a fome dos povos vá juntar novas preoccupações as preoccupações habituaes dos governos.

E ainda bem quando o mundo se faz negociante e industrial, quando porém se quer fazer guerreiro, e no meio do seculo dezenove, tão ufano pelo desenvolvimento da sua razão, traz essas invocações á força bruta, glorias sanguinolentas de épocas de atraso, como não lamentar com o Mantuano que se transforme em espadas o ferro tão proprio para enxadas e arados?

Et curvæ rigidum falces confluntur in ensem.

A paz do mundo, mantida durante perto de 40 annos, parecia consolidar-se pelos multiplices interesses que de dia em dia se lhe iam ligando e enleando assim todos os povos e governos: as portas do templo de Jano estavam fechadas, e parecia que nada de novo as abriria: já se via no horisonte da esperança o dia em que a guerra estrangeira seria de todo impossivel, e em que só a guerra civil dizimaria a humanidade. Se complicações surgiam no viver dos povos, ainda que se transformassem em nós gordios, a diplomacia os desatava sem recorrer á espada dos Alexandres. O sonho do padre St.-Pierre já não parecia uma chimera absurda; um congresso de sabios, de philosophos, de homens votados ao progresso intelligente, se reunia para tratar em commum da realisação desse sonho. O que outr-ora teria sido occasião lamentavel de guerra, teria feito apparecer mil heroes e correr correntes de sangue, esvaecia-se diante da prudencia geral, a voz da industria e do commercio, que impunham a paz; por toda a parte confirmava-se o infallivel axioma: — *Quando um não quer, dous não brigam.*

Infelizmente na extremidade da Europá, nesses confins em que ella se prende á Asia, uma gravissima complicação havia surgido. A Russia e a Turquia, visinhos incommodos, estavam ainda uma vez envoltos nessas questões interminaveis que se originam de cousas mais poderosas do que interesses mercantis ou industriaes, originam-se de interesses de raças e de crenças religiosas, e são como a continuação das reacções dos povos conquistados contra os conquistadores, quando a inhabilidade politica não póde amalgama-los, delir os seus typos, os seus caracteres distinctivos, ou quando a essa fusão se oppõe um obstaculo insuperavel.

Diante dessa nova complicação a Europa estremeceu. A Europa, cujas populações ainda ha pouco tinham sido sacudidas pelo furacão revolucionario, a Europa como que carecia de uma guerra que entretivesse a actividade de seus povos e a distrahisse das questões intestinas. A commoção produzida pela nova complicação dos interesses turcos e russos despertou a actividade da diplomacia; os seus embaraços constituiram o mais triste legado do anno de 1853.

A França e a Inglaterra de um lado, do outro a Russia; a França e a Inglaterra, alliadas modernas, inimigas implacaveis de todos os seculos, procuravam contra a Russia arrastar a Prussia e a Austria, atando-as a si em negociações conjunctas. A Russia confiando em si, nos interesses de raça e de religião de que era representante, e que lhe davam alliados a quem não podia sacrificar, contava igualmente com as affeições da Prussia e da Austria, e tinha razão de contar com ellas, se algum valor tem entre as nações, nos seus calculos de futuro, as recordações do passado. Dous queriam brigar; a diplomacia foi declarada impotente; brigou-se.

Diante dessa luta immensa que precipita para os confins remotos e inhospitos da Europa as forças de tres nações gigantes, manifestou-se no mundo civilisado uma grande expectação: não a Europa só, porém a America, a acompanhando com sympathias mais ou menos pronunciadas, com votos mais ou menos ardentes, os movimentos de taes lutadores, as peripecias desse drama, como que aguardavam o seu resultado. Assim, nos primeiros dias de sua existencia Roma assistia a esse duello dos Horacios que estava entregue todo o seu futuro, isto he, todo o futuro da civilisação do mundo!

Virão os arsenaes de França e da Inglaterra preparar, com a mais prodigiosa rapidez, armadas extraordinarias, entregar a enormes *Leviathans* corpos de exercito numerosos que o vapor de prompto apresentasse no theatro da guerra. Ouviram os brados de victoria, as acclamações de prematuro triumpho dos mil orgãos da publicidade que honram a imprensa das duas nações occidentaes. Ouviram até mesmo essas aggressões injuriosas com que procuravam diffamar o inimigo, amesquinha-lo, e assim reproduziam esses periodos primitivos da civilisação em que Achilles lançava á face de Agamemnon, o rei dos reis, as gentis expressões: « coração de veado, olhos de cachorro. »

Ahi partio para o Baltico uma formidavel esquadra anglo-franceza: o commandante della, saudado pelos mais esperançosos hymnos, devia chegar, ver e vencer. « Amolai os vossos cutellos, rapazes! » exclamou elle apenas se vio nos mares que devia ennobrecer com as suas façanhas. « Amolai os vosso cutellos, rapazes! » proclamação militar muito mais heroica por certo do que ess'outra de Nelson em Trafalgar: « A Inglaterra espera que cumprireis o vosso dever, » Se he verdade que o estylo he o homem, quem não dirá que entre essas duas proclamações de almirantes inglezes acha-se a mesma differença que ha entre Nelson e Napier?

Se os rapazes amolaram os cutellos, ninguem o soube, pois não lhes foi dada a promettida carniça. A immensa esquadra contentou-se com a devastação de algumas costas desertas, com a tomada de alguns navios carregados de sal; e para assenhorear-se de uma ilha de pouca importancia foi-lhe necessario que de França lhe viesse o auxilio de dez mil soldados de desembarque! Por fim a expedição retirou-se sem que, prudente, houvesse feito cousa alguma que correspondesse, não já ás bravatas, não já ás esperanças, mas nem se quer aos sacrificios que havia custado á Inglaterra.

O plano de operações era vasto: a Russia atacada pelo Baltico, na visinhança da sua capital, no coração dos seus estados, era-o igualmente na extremidade, onde havia aggredido a Turquia. Ahi porém os successos foram diversos, a guerra muito mais activa. A invasão russa nos principados danubianos he mal succedida: as forças da Turquia e o apoio moral dos seus alliados occidentaes bastam para defender efficazmente a importante fortaleza de Silistria; as tropas russas afadigam-se debalde, e retiram-se; o Dobroutscha he evacuado, e logo são igualmente evacuados os principados.

Essa operação coincide com as negociações da Austria e da Prussia; he a principio interpretada em sentido pacifico; para logo porem as negociações se enredam; a evacuação não he considerada senão como um movimento estrategico, cujo segredo só a Russia pertence. Entretanto a posição das duas potencias allemãas entre si, e para com as nações belligerantes, torna-se cada vez mais inexplicavel; a principio vemos ligarem-se por uma alliança offensiva e defensiva, não com as nações occidentaes, porém uma a outra exclusivamente; logo vemos a Austria fazer, em seu nome exclusivo, um tratado com a Turquia, pelo qual he autorisada a occupar ar provincias danubianas, e a defendê-las contra as invasões da Russia.

Nesse ponto porem pára a sua acção, e embora exerça ella o direito que por esse tratado adquirio, embora os principados estejam occupados, e portanto defendidos por uma potencia amiga e alliada, as tropas da Turquia e o seu general, a quem já haviam os escriptores da alliança conferido os louros de genio militar, ficam no territorio danubiano como condemnados á inercia.

Compria que, depois de tantos sacrificios, não fossem as operações dos alliados no mar Negro iguaes ás do mar Baltico; cumpria que um golpe ousado ferisse o colosso russo; a opinião publica imperiosamente o exigia; os generaes lhe obedeceram; foi determinada a invasão da Criméa e a tomada de Sebastopol. A principio a sorte das armas justificou com os mais brilhantes resultados essa empreza. O desembarque das forças alliadas não foi disputado; operou-se com acerto e rapidez; pouco depois um combate se trava, e a victoria corôa com os brilhantes louros o exercito invasor.

Tal foi a impressão dessa victoria, que, por ella autorisados, espalharam-se boatos da immediata tomada de Sebastopol. Esses boatos porem sahidos da mesma origem que esse outro anteriormente espalhado da devastação de Odessa, deviam ser contestados pela mais sanguinolenta refutação. O combate de Alma teve successores: a sciencia militar, a energia do soldado, os recursos de grandes potencias estão de um e de outro lado, e ja os leitores desta folha podem ter visto em extractos do insuspeito *Times* que a posição dos alliados não he tão vencedora, a dos Russos tão humilhada, como a principio se fazia acreditar.

O segredo do desfecho dessa immensa questão está nos arcanos do porvir. Se motivos poderosissimos havia para obstar ao seu apparecimento, hoje motivos igualmente fortes, juntos ao amor-proprio e á tenacidade dos grandes contendores, parecem remover para imprevisto e longinquo dia a volta aos tempos pacificos.

Ja parece que surge uma complicação que ainda para mais longe pode atirar a conclusão da luta. Os Inglezes queixam-se de que seus filhos legitimos, os Americanos, lhes são desaffectos, e inclinam-se em favor da Russia.

Ora, entre as nações do mundo avulta hoje, não tanto pelos seus recursos militares, como pelos desenvolvimento do seu commercio e da sua riqueza, e pelo seu espirito aventureiro e arrojado, a republica dos Estados-Unidos.

Os que vêem nas instituições politicas e na indole dos povos embaraços invenciveis a allianças nacionaes, esses com razão se persuadem que he impossivel uma liga da monarchia absoluta da Russia com a republica profundamente demagogica dos Estados-Unidos; pois não ha povos mais diversos, instituições politicas mais diametralmente oppostas.

Aquelles porem que sabem que entre os povos só tem força real as antipathias que nascem do antagonismo de interesses e pretenções, a rivalidade de poder e de preponderancia, essas não consideram impossivel, antes aceitam como muito natural, senão uma alliança formulada em tratados entre os dous paizes, ao menos uma cooperação nascida da identidade de interesses.

Quaes são hoje as grandes, as unicas vistas dos Estados-Unidos? Dilatar a sua preponderancia commercial e os seus dominios territoriaes. Emquanto a Inglaterra, a pretexto do opio acommette a China, e lá introduz o seu poderoso alliado, o espirito de revolução, os Estados-Unidos dirigem-se ao Japão, e impoem no velho imperio a regeneração do seu commercio; emquanto os Inglezes tomam conta como protectores de alguns dos archipelagos do Pacifico, e encontram-se com os Francezes na côrte da rainha Pomaré, introduzem-se os Estados-Unidos, dominados pela mesma mania de protecção, nas ilhas Sandwich, que lhes fazem muita conta.

Essas imitações, essas rivalidades não podem mui favoravelmente predispor Inglezes e Francezes para com os Estados-Unidos; não ha, em regra, quem mais nos irrite do que quem toma nossos exemplos; dahi vem o velho proverbio, tão velho que até em Hesiodo se acha consagrado: «He teu inimigo o official do teu officio.» Ainda se os Americanos se contentassem com as ilhas Sandwich, na Polynesia ha ilhas de sobejo para todos os protectores, poder-se-hia tolerar; querem porem ainda mais: a facil e geitosa conquista do Texas e da California abrio-lhes o appetite, e se nas poesias do seu orgulho proclamam que os limites da republica são, ao norte o polo norte, a leste o ponto em que nasce o sol, ao oeste o ponto em que elle se deita, e ao sul onde ella quizer, por ora quer estende-los pelo lado sul até a ilha de Cuba.

Em todos os sentidos faz-lhes immensa conta essa ilha; he a mais bella flor d'entre as Antilhas, o mais primoroso diamante do golfo do Mexico. Rica de toda a casta de producções, occupa uma posição geographica que não deixa de satisfazer as aspirações de predominio de um povo essencialmente commercial. Pertence ella á Hespanha, he um dos melhores florões da corôa de Castella, ultimo resquicio dos seus immensos dominios coloniaes nesse mundo que para ella descobrio Colombo; cobiçam-a ha muitos annos os Estados-Unidos, sabe-se como tem, para consegui-la, desenvolvido o seu systema de aggressões. Cobiçam-a, estão promptos a toma-la, ou pela perfidia, ou pelas armas, ou dando em troco della á Hespanha alguns milhões.

Se a Hespanha não a pode defender, não podem a França e a Inglaterra consentir, não que a Hespanha a perca, mas que os Estados-Unidos a ganhem. Eis a questão actual para os Estados-Unidos: querem Cuba; as complicações da questão do Orientes empenhando as duas nações que lhe podem e lhe desejam embaraçar essa conquista, não será por elle, aproveitada?

A ambição dos Estados-Unidos não tem limites; a Inglaterra deve nisso mais do que em tudo reconhecer os seus filhos; Cuba não he o derradeiro termo da sua cubiça: sem fallar nas demonstrações antigas, referindo-nos unicamente ás deste anno, ja os povos do isthmo o viram, ja o vio a propria Inglaterra na questão suscitada por occasião das pescarias do Canadá; e a Europa toda o póde reconhecer, quer na maneira desabrida com que foi por esse governo tratada a Austria na questão do refugiado hungaro, quer na manifestação feita no congresso dessa republica de que pretendia dahi em diante ser attendida entre as grandes nações nas questões que ao equilibrio do mundo interessassem. E depois de Cuba, já ahi desponta no futuro das suas aspirações o Amazonas, o Amazonas que he nosso, e que elles quereriam que lhes entregarse o coração da America Meridional!

Nos planos dessa vasta ambição concebe-se que opportunidade offerece a luta das duas nações occidentaes com a Russia, concebe-se que esses maximos interesses possam abafar quaesquer sympathias de raça, de origem, de instituições que devessem prender a republica da America septentrional ás nações livres e cultas da Europa occidental.

Se contra esse desenvolvimento de ambição no que em nosso damno, em ameaça aos nossos direitos vai despontando, nos preparamos pelas armas da razão e da intelligencia; se refutamos sophismas com argumentos, o que faz a Hespanha em defeza da sua colonia atacada, em que se occupa a velha monarchia de Carlos V.? A Hespanha diverte-se na guerra civil e na insurreição militar!

Como seu ministro, mandou-lhe a republica dos Estados-Unidos o emigrado francez Soulé, violento demagogo que a ordem estabelecida em sua patria havia arrojado para esse asylo de todos os exaltados, e que nelle se havia naturalisado.

Soulé foi, por amor desses sentimentos e desses instinctos revolucionarios, pelo seu odio á Hespanha, pela sua cobiça de Cuba, escolhido ministro contra a Hespanha, e revestido da immunidade diplomatica para residir na sua capital. Soulé respondeu ás intenções que determinaram a sua escolha, suscitou conflictos taes que incorreu até no desagrado do governo francez, a ponto de lhe ser ultimamente negada a passagem pela França sem embargo das novas questões que dahi podem e até devem originar-se.

Que parte teve esse homem nos movimentos revolucionarios de Hespanha, não he facil por ora sabe-lo, porque a revolução triumphou, e no seu triumpho encobre os seus segredos. O que porem não encobre ella he que no territorio hespanhol se haviam asylado muitos desses espiritos inquietos e turbulentos, que estes revolucionarios de 1848 exaltaram em toda a Europa, e que a reacção dos principios arrojou para longe das suas patrias. Levaram elles á Hespanha, com a sua presença, as suas paixões, e a sua experiencia nas artes da guerra civil.

A Hespanha nestes ultimos tempos se apresentava inquieta; as ancoras das suas instituições estavam arrancadas; o regimen constitucional solapado, ameaçado de modificações aristocraticas e monarchicas que destituiam da sua justa influencia o elemente democratico; o abalo causado pela manifestação dessas intenções havia trazido a succesão de ministerios a ministerios, sem que um só pudesse consolidar-se, um só achasse a oportunidade, ou tivesse o desejo de restituir ao paiz o regimen constitucional e os debátes de suas camaras.

No meio dessa fermentação vieram os interesses ignobeis, que tantas vezes enxertam a corrupção nas grandes questões de melhoramentos materiaes e de vias ferreas, ainda mais abalar o paiz: levantou-se a insurreição militar, e logo com ella as barricadas nas cidades, os movimentos mais exagerados das opiniões democraticas. Venceram, e com sua victoria triumphou a anarchia. As accusações revolucionarias não se affoitando na velha terra dos Philippes a affrontar directamente o throno, escolheram uma victima no degráo que mais proximo lhe ficava: a rainha-mãi foi accusada; essa rainha, a cuja constancia deve a Hespanha as instituições constitucionaes, teve de asylar-se em terra estrangeira; assim talvez conseguisse que mais um horrivel attentado não viesse manchar os annaes da luta da monarchia com a demagogia.

Felizmente o governo sahido da revolução conseguio acalmar as paixões e restaurar alguma ordem; veremos em breve se he uma simples apparencia, ou se tem alguma cousa de solido em que possa basear-se a esperança da paz interna. Se assim acontecer, folgaremos de registrar mais esse desmentido dado á experiencia e á razão, que dizem que nunca pode o governo filho de uma revolução contê-la, refreia-la; pois falta-lhe a base da legalidade, a unica em que, para não ser ephemero, deve assentar o seu poder.

Assim, pois, na Europa a guerra do Oriente e a insurreição militar da Hespanha, eis os dous factos capitaes que em 1854 se verificaram. Ambos legam suas funestas consequencias ao anno de 1855: conseguirá este neutralisa-las? Poderemos escrevendo o futuro restrospecto dar conta da pacificação da Europa, da consolidação da ordem nos seus diversos Estados, e do concurso de todas as intelligencias e de todos os esforços para essas conquistas da sciencia na sua applicação aos melhoramentos da humanidade, conquistas unicas solidas, unicas gloriosas no seculo em que vivemos? Se não a nossa razão, ao menos os nossos desejos respondem: Sim; esperemo-lo.

Politica externa do Brasil.

No artigo acima, dando conta das occurrencias estrangeiras, deixámos de lado ás que com o imperio podiam achar-se mais directamente ligadas: apenas de passagem mencionamos a questão da navegação do Amazonas, e o fizemos porque essa questão não pode por ora ser considerada senão como a solicitação de um movimento de opinião, ainda não acolhida pelo governo, ainda não elevada á categoria de questão internacional. O governo dos Estados-Unidos reiteradamente tem reconhecido e proclamado o nosso direito, e protestado que não ampararia qualquer temerario arrojo que nô-lo procure disputar. Confiemos que será sempre essa a sua linguagem, e que os factos não a reduzirão a simplices palavras de hypocrisia. De que o governo dessa republica não he tão alheio, como pelas suas declarações poder-se-hia acreditar, a esses esforços desregrados da ambição, temos prova nos mesmos documentos em que he reconhecido o nosso direito, e nos conselhos que ácerca do uso delle nos são dados; prova ainda mais irrefragavel acharemos nas reclamações por elle dirigidas ao governo do Perú por occasião do tratado de navegação celebrado com o Brasil. Se porém o governo peruano achou na razão meios de confutar as pretenções da diplomacia americana, tenhamos confiança de que nunca hão de faltar ao Brasil meios ainda muito mais efficazes contra quaesquer aggressões.

Infelizmente, a America do Sul, ameaçada por essa ambição pue quer absorver e extinguir todas as nacionalidades, ainda não comprehendeu que he mais do que tempo de pôr cobro ás dilacerações intestinas que dizimam seus povos e obstam ao seu desenvolvimento. Para ella já deveria estar passada a quadra das dissenções; o máo fado porém que parece ter presidido ao nascimento das republicas de origem hespanhola, ainda não está vencido pela razão e pelo patriolismo. Como arde o Mexico em guerra civil, assim o Perú vio de novo a insurreição; a Bolivia não se manteve pacifica; o proprio Chile, onde parecia inabatavelmente consolidada a ordem, protegendo e provocando a riqueza e a industria, tem sido agitado. Das republicas do Prata, com as quaes em mais directas e frequentes relações nos achamos e ainda mais calamitosa he a sorte.

Emquanto a Confederação Argentina conserva-se no estado excepcional em que a lançou a sublevação da sua capital contra o governo eleito pelas outras provincias, emquanto a guerra civil ahi está sempre imminente, embora as suas explosões sejam o mais das vezes comprimidas pela prudencia, ou dominadas logo a principio pela superioridade das armas, a Republica Oriental do Uruguay, que o anno passado havia ficado entregue ás dilacerações das facções e ás depredações armadas dos cabecilhas, acalma-se este anno, vê entrar tanto o poder como os partidos nas linhas da moderação, vê principiarem a funccionar as leis e as instituições, assegurando o movimento livre e o predominio da opinião.

Esse estado he em maxima parte devido ao Brasil; deve-o a republica aos sacrificios do imperio, que nem homens nem capitaes tem poupado para que o seu governo tenha a força, os meios de acção necessarios afim de comprimir o espirito faccioso, e de encaminhar a nação nas vias do salvamento.

Nessa politica nobre e franca que ia encetar, o Brasil não procedeu com a mais pequena, com a mais remota tenção que a desairasse, que a devesse tornar suspeita; em um documento publico dirigido a todas as nações o governo brasileiro a manifestou, e todos a reconheceram. Se todavia no Rio da Prata alguns espiritos, por demais ciosos de uma independencia que ninguem ataca, ou eivados de iniquos resentimentos contra o imperio, contestaram-o, e procuraram deslumbra-la com diffamatorias interpretações, perderam de todo o seu tempo, forçoso lhes foi renunciar as suas esperanças. A intervenção do Brasil justificou-se a si mesma, e os seus soldados no territorio oriental, as suas forças navaes estacionadas no Prata, bem como os seus dinheiros generosamente prestados, apenas tem servido para apoiar a autoridade legal, e preparar dias melhores á infeliz republica.

Com o Paraguay foram de certa gravidade e de maior alcance e as nossas relações.

Sabe-se que esta republica, cujos povos, a principio educados pelos Jesuitas, viram ao depois confiada a suaa sorte ao dictador Francia, que os excluio da communhão das nações, e lhes interceptou as relações civilisadoras do commercio e da industria, ainda não acordou desse mais que secular adormecimento. O seu governo ainda desconhece, não só os principios de direito, senão até as formulas de urbanidade exigidas em todas as relações dos homens, e ainda mais imperiosamente nas relações dos governos. Com o Paraguay temos uma antiga questão de maxima importância, a questão de limites. Sem embargo de toda a nossa boa vontade, de todo o nosso espirito de concessões, tão exorbitantes e inconfessaveis eram as pretenções do governo paraguayo, que a questão parecia não poder concluir-se. Emquanto pendia a negociação surge uma nova e insolita complicação; depois de uma troca de notas, que são sufficientes para que se possa aquilatar o grão de illustração daquelle governo, manda elle ao ministro brasileiro os seus passaportes. Interrompem-se assim, ao menos no seu caracter official, as nossas negociações com a republica, até que ultimamente ahi parte uma brilhante esquadra brasileira para reata-las e conclui-las.

Nem se pense que he só contra o Brasil que o governo paraguayo assim procede, e que o faz em vistas de algum especial resentimento. Se a França, a Inglaterra e os Estados-Unidos mandaram solicitar a sua amisade e as suas relações, se conseguiram tratados consagrando-as, em breve poderão ver o que valem tratados com esse paiz: apparece uma questão entre o seu governo e o consul americano, a quem estão confiados alguns nascentes interesses commerciaes; nessa questão o governo paraguayo procede como contra o ministro brasileiro procedeu, e termina-a com um decreto vedando a navegação do seu rio aos navios de guerra das nações com quem por tratados se havia ligado!

Esperemos pois que a causa da civilisação e do progresso na America meridional, em cuja vanguarda marchamos, não soffrerá os impedimentos nem os embaraços de uma diplomacia sem alcance, que mal comprehende a missão que unica lhe compete: a expedição brasileira no Paraguay he feita tanto em proveito do Brasil como no de todas as nações cultas; deve por todas ser applaudida.

São essas as unicas questões graves que em 1854 vio surgir nas nossas relações internacionaes; poderiamos pois aqui concluir o nosso trabalho, se para completa-lo não devessemos igualmente mencionar documentos que, embora relativos a questões antigas, chegaram este anno ao conhecimento do publico, e prendem-se a negociações ainda não concluidas.

Em primeira linha está a do trafico de Africanos, que, embora já não deva ser contada entre as nossas questões, desde que a opinião universal no Brasil, apoiada, sustentada pelo seu governo, repelle como funestissimo ao futuro da nossa patria o erro que nos fazia ir buscar na Africa os trabalhadores dos nossos campos, deixou ainda tristes vestigios de complicações e de ignominia. Ainda subsiste o famoso bill Aberdeen, e emquanto não for revogado as nossas relações com a Grão-Bretanha não se podem considerar collocadas no estado normal das relações de povos amigos.

Sabe-se que nos limites septentrionaes do imperio, onde o nosso territorio intesta com o da Guyana Franceza, não está fixa a linha divisoria; questão renhida suscitou-se ha poucos annos por terem os Francezes occupado uma porção do territorio brasileiro; a opinião no paiz estremeceu; o governo obteve da França que cessasse tal occupação até que por meio de negociações se concluisse a questão de limites. Chegaram felizmente á sua conclusão os ajustes preliminares; a negociação definitiva em breve será concluida. Ahi vai partir para a França com essa missão o distincto brasileiro, que nas diversas vezes que tem estado no gabinete incumbido das nossas relações exteriores, mais completamente as tem estudado.

Nem só com negocios politicos deve occupar-se o nosso retrospecto; antes de conclui-lo, mencionemos dous factos de subida importancia que no decurso deste anno se realisaram. Começaram o seu serviço regular duas linhas de navegação a vapor, a que nos prende a Liverpool, inaugurada pela brilhante viagem do *Brasileira*, e o que nos liga a Lisboa, de que foi mensageiro o *Maria II*, da companhia Luso-Brasileira. Ninguem ha que desconheça que poderoso impulso dão ao desenvolvimento do commercio e da industria esses frequentes e regulares contactos dos povos, essa rapida permuta de passageiros, de mercadorias, esses vinculos que cada vez mais intimos religam as diversas familias humanas; ninguem pois nos estranhará se neste retrospecto, em que mal indicamos factos gravissimos, consagramos algumas palavras á installação dessas duas linhas, e ao pezar que sentimos por não se achar no mesmo caso a linha que foi inaugurada pela viagem de ensaio e de exploração do *Acenir*.

(*Jornal do Commercio* do Rio.)

PERNAMBUCO.

COMARCA DO BONITO

6 de janeiro de 1855.

My dear, compradre *in primo loco* lhe digo que já tive o prazer de por *os luzios* sobre a producçãosinha, *id est*, a littera que eu suppunha ter *arribado*. Lá esta ella no seu *Diario* de 23 do mez de dezembro e até bem collocada, pois foi pelo seu redactor *misco* logo na frente, e que não deixa de ser assás de honraria para este pobre marquez. Acredite, *Sir* compadre, que curto grande desprazer, quando espero encontrar-me com uma cartinha da lavra em tal folha sua, e o contrario succede.

A gente gosta de ver o fructo de suas *lucubrações*!!

Esquecia-me de lhe dar os parabens pela comendasinha, ainda, porém, esta em tempo, e por tanto, aceite-os, que são filhos de minha sinceridade e da amisade que lhe tributo.

Sua Magestade, amante como he, do progresso do nosso paiz, não póde deixar de ter em muita conta o homem laborioso que não ha poupado sacrificios para montar o seu estabelecimento e elevar a sua empreza ao ponto, em que se acha, de modo que a sua folha, quanto a mim, sem rival faz honra ao Brasil, e o acredita um pouco ante ás nações, em que a arte typographica tem attingido a perfeição possivel. Não amo a lisonja, mas sou muito partidista do — *quod Cæsaris Cesari.*—

Depois da ultima, que talvez já esteja sob o dominio de seus leitores, quasi nada tivemos de notar-se; todavia quero ver se *cascavio* alguma cousa.

Aqui chegou uma forçasinha da tropa do major Camisão, que vem destacar, mas seguio para a capital escoltando uns presos que vieram de Garanhuns, e daqui conduzio oito, todos *cunges*— indo Manoel Thomé e Thomé Gonzaga, (criminosos de morte) para Santo Antão.

—7—

Hontem vieram dous ferreiros, um do Curato do Bom Jardim, outro *de cá*, pedirem licença ao delegado para venderem umas facas de ponta na feira; o Dr. Delfino, depois de mandar buscar as taes de ponta, disse-lhes: que iriam vende-las da cadeia; um para não vir de tão *remotas plagas* commerciar com semelhante mercadoria, o outro por ser socio no tal *affaire*; e lá foram os dous *ciclopes* dar a carceragem ao Antonio Gomes, que bem precisava dos 1$800. Estou que esses discipulos do forjador dos raios de Jupiter, d'ora em diante se limitarão a fazer nas respectivas tendas sómente foices, machados, etc., e quando *construam* alguma faquinha, não cahirão na asneira de ir solicitar da policia permissão para as mercar na praça publica.

—9—

Hontem á noite veio da cidade da Victoria, o celebre scelerato — Xico Cáca —condemnado a 20 an-

MUTILADO

nos de prisão neste termo. Foi-lhe tambem remettido, além das duas peças, que a estas horas lá terão *desembarçado*, o dito cujo Manoel velho, que, segundo se diz, fez alli um roubo. Dos presos que desceram, consta ter morrido em caminho o preto Miguel. Affirmam que a causa foi haver elle, estando suado, comido uma laranja. O facto foi tão publico que não deixa suspeita alguma contra o commandante da patrulha, que para sua segurança, munio-se da certidão de obito, e de attestados.

Hontem á noite, fóra da rua, um sugeito encapotado entrou na casa de uma prostituta, e *bumbou-a* bem. O delegado fez vistoria, e esta procedendo as precisas averiguações. A paciente não he das melhores cousas em materia de lingua; tinha muitas intrigas por isso; ha bem pouco tempo esteve na cadêa, não sabe donde lhe veio a *tunda*. Não tem perigo algum porque anda. Nada mais tenho que noticiar-lhe.

VARIEDADES.

Antonios celebres.

Antonio (Marco) orador, e de uma familia distincta em Roma, — foi pretor na Sicilia, questor na Asia, proconsul na Cilicia e consul em Roma, sua eloquencia, segundo Cicero, fez a Italia rival da Grecia.

Antonio (Marco) filho mais moço do precedente cognominado o *amphimacro*, por causa da guerra de Creta, na qual elle *deu á costa*.

Antonio (Marco) um dos triumviros, e filho do segundo, ligou-se com Lepido e Octavio, depois da morte de Cesar; e um dos fructos dessa liga celebre foi o assassinato de Cicero, cuja cabeça sendo apresentada a Antonio, teve este a cobardia de insulta-la; foi amante da celebre Cleopatra.

Antonio (Caio) segundo filho do orador, foi lugartenente de Sylla.

Antonio (Caio) filho do precedente, foi consul com Cicero.

Antonio (Primo) Gaulez, chamado o Becco, era natural de Toulouse; foi um grande capitão no seu tempo.

Antonio (Santo) instituidor da vida monastica, nasceu na cidade de Coma (Egipto) em 251.

Antonio (Santo) chamado de Padua, natural de Lisboa.

Antonio, rei de Navarra, teve este epitafio:

Amis Francais, le prince ici g'essant
Vecut Sans gloire, et mourut en pissant

Antonio, prior do Crato e rei titular de Portugal, foi prisioneiro na batalha de Alcaçar, onde fez prodigios de valor; Antonio de Palermo, foi em commissão do rei de Aragão pedir aos Venezianos o osso do braço de Tito-Livio, o que obteve, deixou alguns escriptos, foi grande na poesia, jurisprudencia e eloquencia; Antonio, chamado o bastardo de Burgonha, foi depois pela sua conducta denominado — o Grande —; Antonio Nebrissensis, ou de Lebrixa, publicou algumas obras sobre as linguas mathematicas, etc., etc., etc.; Antonio de Messina, tambem chamado Antonello; Antonio (Paulo Gabriel) jesuita; Antonio Siciliano, prisioneiro de Mahomet II, na tomada da ilha de Negropont; Antonio, de Galatona; Antonio (Nicolão), Antonio (João) pintor da escola romana; Antonio (Mario) pintor e architecto de nota; Antonio, Diogenes; Antonio (Sebastião) gravador; Antonio Ulrich, duque de Brunswich, theologo e poeta; Antonio (Jacques Diniz) membro da antiga Academia de Litteratura, fez-se conhecer pelos planos do hotel das moedas em Paris; Antonio Raymundo (Marco.) — Disse quanto a Antonios.

Sentença exquisita.

Vistos os autos e pondo os olhos em Deos Nosso Senhor, e minha mãi Maria Santissima, empunhando esta vara vermelha, com que de presente me acho na mão, que significa a de Moysés, quando tocou a pedra, e fez sahir o sagrado licôr do vinho, com que matou a séde do povo de Israel, que caminhava para a terra da promissão, por mandado de Deos, que lhe appareceu em uma salsa abrazada; e attendendo o grande empenho de minha comadre Maria da Silva, e a grande vontade que tenho de servir a mulata Catharina, sem embargo das testemunhas a fl, que juram contra producentem, não estou por isso, e mando que contra a ré se não proceda, dando-se baixa na culpa, e condemno a autora nas custas, e em pedir perdão a ré na missa conventual pelo dolo e malicia com que a accusou, sem embargo de ter razão.

Villa de Aguas Frias 13 de março de 1784.— *José Antonio Durão.*

(*Da Gazeta dos Tribunaes Portuguezes.*)

Porque razão quando quero
Morder-te os bellos cabellos,
Ou beijar-te a bocca amada,
Ou quebrar-te esses cancellos,
Te finges tu uma mona
Dentro do claustro entaipada?
Pr'a quem guardas esse colo
Essa flor inda em botão?
Com esses labios de mel
Queres tu beijar Plutão,
Depois que o negro Charonte
Te embarcar no seu batel?
Vê que assim que traspassares,
Nem mais terás um abraço!
E quando cheio de dor
Eu te vir no immenso espaço,
Não hei de dizer as sombras
Que tu foste o meu amor.
Muda, oh! bella, emquanto vives,
Muda, pois, de opinião,
E não me fujas c'o a bocca
Na melhor occasião,
Olha que has de arrepender-te
Vinde a morte, mas em vão.

(*Da rainha Margot.*)
Au revoir.
(*Carta particular.*)

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 15 de janeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que das differentes participações hontem e hoje recebidas nesta repartição, consta que foram presos:

A requisição do depositario geral, o pardo Manoel, escravo de Joaquim Gonçalves Bastos, sem declaração do motivo.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, Christovão José Mendes, para averiguações policiaes, Joaquim Pereira, por desordem, Antonio Francisco dos Passos, Vicente Ferreira da Costa, Maria da Conceição e Silva, e Maria Joaquina do Espirito Santo, todos por briga, e um soldado do quarto batalhão de artilharia por insultos.

Pela subdelegacia da freguezia de S. Antonio, o preto escravo Daniel, por ser encontrado fora de horas conduzindo carvão de pedra.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, Pedro Francisco Leitão, para averiguações policiaes, José Joaquim dos Santos, por insultos.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, o preto escravo Alexandre, para correcção, o pardo escravo Lucas, por ferimentos, a parda Benedicta Maria da Conceição, e Antonio Martins da Silva, ambos por desordem, os pretos escravos Macario e Carlos, este por uso de armas prohibidas, e aquelle sem declaração do motivo, e João Antonio Pires, para averiguações policiaes.

O delegado do primeiro districto deste termo communicou-me em officio de 13 do corrente, com referencia a participação que lhe fizera o subdelegado da freguezia da Boa-Vista, que as 3 horas da tarde do dia anterior fôra encontrado o preto Victorino, escravo de Antonio Lino da Silva Martins, enforcado em uma arvore de juá, proximo a estrada da travessa de Santo Amaro, junto a ponte; que tendo procedido o mesmo subdelegado ao competente auto de vistoria, deste e das pesquizas por elle feitas pode conhecer que o referido escravo se enforcara sem que precedesse por isso motivo algum da parte de seu senhor nem de pessoa alguma da casa.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 15 de janeiro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

Illm. Sr. — Sendo da maior notoriedade que vagam por esta cidade uns poucos de individuos, que abandonando uma vida honesta se empregam a titulo de correctores, alguns em agenciar as compras e vendas de escravos, e outros em compra-los e vende-los, muitos dos quaes são seduzidos por taes individuos, e alguns furtados do poder de seus respectivos senhores, chegando a audacia e cinismo de semelhantes traficantes ao ponto de venderem pessoas livres, como já tem acontecido, empregando para esse fim o engano, a seducção, e até o ajuste com a pessoa vendida; e convindo providenciar de um modo efficaz sobre um assumpto tão grave. e no sentido de prevenir e obstar absolutamente a perpetração dos crimes de tal natureza; recommendo a V. S. que por si e pelos subdelegados de seu districto, faça prender e processar na forma das leis a todo e qualquer individuo que, não estando devidamente autorisado por esta repartição nos termos do artigo 29 do regulamento n. 151 de 11 de abril de 1842, mandado observar nesta provincia pela lei provincial n. 130 de 2 de maio de 1844, artigo 35 § 10, para ter casa aberta de compra e venda de escravos por commissão, se occupar nesse trafico, ainda que se acoberte sómente com o titulo de agenciador de semelhantes compras e vendas; procurando V. S. ao mesmo tempo sindicar do modo porque se comportam aquelles que se acham autorisados na forma que fica dita, afim de que, verificado o seu dolo e má fé, lhes sejam cassadas as licenças que obtiveram e soffram tambem a devida punição.

Por esta occasião recommendo igualmente á V. S., que com o zelo e dedicação do serviço que tanto o distingue, preste toda a sua attenção, e tenha a maior vigilancia, ácerca de certos individuos do interior e mesmo das provincias limitrophes desta, que me consta conduzem escravos para esta capital, com o fim de os vender aqui, sendo certo que he nos escravos assim trazidos que se tem dado o furto em grande escala e todo o genero de tratantice.

Deos guarde a V. S. Secretaria de policia de Pernambuco 15 de janeiro de 1855. — Illm. Sr. Dr. Francisco Bernardo de Carvalho, delegado do primeiro districto deste termo. — O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Realisou-se hontem, pelas duas horas da tarde, sob a presidencia da directoria do Banco, com o numero de accionistas presentes, a eleição da directoria provisoria da companhia que tem de estabelecer nesta cidade uma fabrica de fiar e tecer algodão.

O resultado da votação foi o seguinte:

Presidente, o Exm. Sr. barão de Suassuna.
Secretario, o Sr. João Ignacio de Medeiros Rego.
Os senhores, Antonio de Moraes Gomes Ferreira,
Antonio Marques de Amorim,
Luiz Antonio de Siqueira.

A directoria provisoria he encarregada da confecção dos estatutos por que se ha de reger a companhia.

CORRESPONDENCIA.

Senhores Redactores.— Tive hontem um profundo dissabor pelo facto de se apresentar em minha loja o Illm. Sr. Dr. subdelegado com um matuto meu conhecido, que tendo estado poucas horas antes nella, se queixara de que ahi se lhe havia subtrahido a quantia de 200$ rs. e posto que o Illm. Sr. Dr. subdelegado na indagação a que procedeu, se houvesse portado para comigo e os meus officiaes com toda a urbanidade que lhe he conhecida, todavia a coincidencia de haver estado o matuto na minha loja, e a sua declaração de que nella foi que se lhe subtrahio a referida quantia, faziam pezar sobre mim e meus officiaes uma terrivel suspeita, que por certo não se desvaneceria no espirito das pessoas, que me não conhecessem se não pela descoberta da verdade.

Sou pobre, Senhores redactores, mas nunca commetti uma acção vergonhosa, e he para não commette-la, que me não poupo ao trabalho; e por isso ajuizem do meu soffrimento quando vi pela primeira vez a minha casa visitada pela autoridade policial, e para o fim relatado.!

Felizmente, porém, pelo documento junto se vê que não foi eu, e nem gente minha, e sim pessoa muito extranha á minha loja o autor do furto de que se queixava o matuto.

Dignem-se pois Vmcs. de publicar em seu conceituado jornal a carta junta do Illm. Sr. Dr. subdelegado, que he a melhor defeza que posso apresentar a favor do meu credito e dos meus officiaes, pelo que lhe ficara assas obrigado o de Vmcs. attento venerador *Fidelis José Correa.*

Illm. Sr. Dr. José da Costa Dourado.—Recife 13 de janeiro de 1855.—Tendo sido hontem a minha loja de selleiro, estabelecida na rua larga do Rosario n. 30, visitada por V. S.a na qualidade de subdelegado de policia, para indagar de mim e de meus officiaes onde e como havia desapparecido do poder de um matuto a quantia de 200$ rs. que elle dizia ter sido furtada em a minha loja: vou rogar a V. S.a para salvar o meu credito e o dos meus officiaes, que se digne declarar qual foi o resultado da investigação desta occurrencia, onde foi achado semelhante dinheiro, e quem o havia subtrahido. Espero da justiça de V. S.a, que se não recusará ao meu justo pedido. Assigno-me com respeito e consideração, de V. S.a muito attento venerador

Fidelis José Correa.

Sr. Fidelis José Correa.—Em resposta a esta sua carta, sou a dizer que quando hontem me dirigi a sua casa para averiguar, quem havia sido o autor do furto, que se havia feito a um matuto quando em sua casa, onde estava em procura de um selim, que havia mandado concertar, soube por informação sua e de seus officiaes, que tendo entrado em sua casa por essa occasião um moleque escravo de D. Francisca Joaquina de Macedo, moradora na rua de Hortas, suppunha ter sido elle o autor do furto da quantia de 201$ rs., de que se queixava o matuto, que era seu conhecido antigo. Com estas informações dirigi-me com um de seus officiaes de nome Manoel Joaquim dos Santos Ferreira, que tinha conhecimento do moleque, á casa da senhora deste, e não o encontrando, soube com tudo que elle tinha passado poucos momentos antes pela rua de Hortas, e indo em seu seguimento, foi encontrado o dito moleque acoitado em uma casa da rua das Aguas Verdes, onde sendo immediatamente preso, se lhe encontrou nos bolsos a quantia furtada de 201$ rs., que foi logo entregue a seu dono na sua loja, e em presença de testemunhas, ficando todos plenamente convencidos que nenhuma parte tivera Vmc. nem seus officiaes nessa subtracção, antes a Vmc. e ao seu official Manoel Joaquim dos Santos Ferreira, que me accompanhou, se deve ter eu conseguido descobrir o moleque e com elle o dinheiro que furtara ao matuto. Recife 13 de janeiro de 1855.—Sou seu venerador, *José da Costa Dourado.*

N.B. Pode fazer desta minha resposta o uso que lhe convier.

PUBLICACAÕ A PEDIO.

Eleição dos juizes, mordomos e escrivães, que hão de festejar a Senhora da Conceição no convento do Carmo do Recife no anno de 1855.

Juizes.

O nosso irmão confrade, o Illm. Sr. Antonio José Gomes do Correio.

O nosso irmão confrade, o Illm. Sr. Francisco Baptista de Almeida.

Juiz protector.

O nosso irmão confrade, o Illm. Sr. Firmino José de Oliveira.

Juizas.

As Exmas. Sras. D. Emerentina Candida de Oliveira Barros Almeida, mulher do Illm. Sr. Dr. Rufino Augusto de Almeida.
D. Anna Joaquina, mulher do Illm. Sr. José Alves Lima.

Juiza protectora.

A Exm.a Sr.a D. Maria Libania Maciel Monteiro.

Mordomos.

Os Illms Srs. Vigario Joaquim Ignacio Gonçalves da Luz.
Vigario Basilio Gonçalves da Luz.
José Dias Alvares do Quintal.
Manoel de Castro de Oliveira Guimarães.

Mordomas.

As Exmas. Sras. D. Anna Joaquina Ferreira.
D. Francisca Margarida de Moura Peixoto.
D. Maria Emilia de Moura Bastos.
D. Maria Benedicta do Sacramento.

Escrivães.

Os Illms. Srs. Tenente-coronel Francisco Rodrigues Cardoso.
Guilherme Muniz de Souza.
Melquiades Francisco da Costa.
Firmino da Silva Amorim.

Escrivãas.

As Exmas. Sras. D. Brasilina, mulher do Illm. Sr. Jacome Maria Lumachi de Mello.
D. Maria, mulher do Illm. Sr. Geraldo Corrêa Lima.
D. Maria, mulher do Illm. Sr. José Victor da Silva Pimentel.
D. Maria Venancia de Abreu Lima Bastos.

Convento do Carmo do Recife 10 de dezembro de 1854.—*Fr. Candido de S. Isabel Cunha*, sub-prior presidente.

LITTERATURA.

LISBOA.

Deu-se no theatro do Gimnasio uma peça do Sr. D. José d'Almada. *A Meia do Saloio*, que he uma obra destituida de merecimento, e das que ja *antes do parto, no parto, e depois do parto*, levam marcado o seu destino pelas leis do bom gosto, e do senso commum.

O Sr. D. José d'Almada he um escriptor de quem val a pena occupar-se a critica, porque alcançou popularidade e credito com o seu drama *A Profecia*; não attenda pois o illustre dramaturgo na curta apreciação que aqui damos a sua obra, nem ao nome obscuro e ignoradissimo que assigna este artigo, nem a idade curta e inexperiente de quem escreve estas linhas, nem mesmo a circumstancia que seria facil lembrar a algum parvo, mas nunca a pessoa de algum engenho, de ter eu ja tentado o campo da scena, e haver recebido como consolação d'estrea uma pateada que me ha de lembrar por annos largos e bons: tambem o Sr. D. José d'Almada não sabe cantar, cuido eu, como Mad. Castellan, e todavia percebe quando ella desafina; he o caso: eu não sou capaz de compor uma peça, nem mesmo como a *Meia do Saloio*, mas percebi que o Sr. D. José d'Almada nesta sua ultima composição *desafinou*! Veja apenas nesta analyse a critica, e não o critico, e acredite que a opinião que vou dar ácerca da sua obra nem se quer tem o merito de ser unica, porque, diga-se em abono do bom gosto, ha uma grande maioria de votos contra semelhante obra.

O que he a *Meia do Saloio*, e a qual dos ramos da litteratura dramatica pertence esta peça? A acreditarmos a infallibilidade do cartaz, he uma comedia de costumes; todavia antes da classificação « de costumes » está a palavra « comedia » e a *Meia do Saloio* não he comedia. Prova-se:

Esta peça não tem protogonista, e não ha comedia sem protogonista; esta peça não tem entrecho e não ha comedia sem acção; esta peça não contem uma situação, nem um dito chistoso; os personagens entram e sahem sem explicação nem logica, logo sera uma *camara-optica*, mas não he uma comedia.

A *Meia do Saloio* he uma farça? antes da resposta, diga-se duas palavras ácerca do genero.

A farça começou logo depois da tragedia, e começou como ella nas festas de Baccho. Os personagens representavam satyras, e ja nesse tempo o fim de semelhantes composições era apresentar na scena o quadro d'um ridiculo verdadeiro, e a critica da sociedade e da epoca. A farça viveu mais em Roma do que na Grecia, e surgio depois na França debaixo do nome de *Sotie*. Desde Francisco I. até Moliere o theatro alimentou-se de uma longa serie de obras deste genero, que conservava ainda as tendencias que apresentara desde a sua origem, castigar por meio da pintura de costumes e caracteres no desenvolvimento d'uma fabula chistosa, e divertir por meio de lances caricatos d'uma acção engraçada. Pelo que diz respeito a' farça hespanhola deve-se dar credito ao conceito de Cervantes, que mesmo no seu Dom Queixote, e principalmente nos prefacios das suas ultimas comedias, nos explica as tendencias desse genero, de que elle foi testemunha desde os primeiros ensaios, podendo até ser considerado como um dos reformadores da arte dramatica, cujo nome marca uma das epocas de decidido progresso para a scena hespanhola, como o de Lope de Vêga, e Calderon. A farça hespanhola tinha por fim « com uma acção tomada da vida commum e domestica divertir na scena e agradar ao povo. São estas tambem as simples tendencias da farça portugueza, que a mais nada aspirou nem mesmo na sua epoca de esplendor, quando nossos avós applaudiam enthusiasticamente o *Manoel Mendes, A Castanheira*, o *Peralta mal creado*, e outras.

Ja se vê pois que a farça conservou sempre desde a antiguidade, abstraindo de ligeiras modificações, a mesma importancia e o mesmo fim. Ora qual he á « fabula chistosa » da *Meia do Saloio?* quaes os « lances caricatos de uma acção engraçada? » em que « diverte e prende a attenção » esta obra sem nexo, e sem interesse? a que tende? o que prova? uma obra theatral não pode viver da simples circumstancia de conter alguns typos bem copiados, quando como moldura ao quadro não se lhe encontre graça no dialogo, e chiste no enredo.

Esta peça apenas podia classificar-se de « quadro de costumes; » e ainda assim poderia ser accusada de fastidiosa, falta de interesse, e extensissima no dialogo. O publico prefere ja alguma acção e poucos personagens a muito e personagens e nenhuma acção e ja preza mais o dialogo e o espirito, doque as vistas e os factos!

Além disso a *Meia do Saloio* mesmo apresentada como quadro de costumes não possue aquella finura de observações, que constitue o grande mysterio da arte.

No que o Sr. D. José d'Almada peccou sobre tudo, foi na idéa pouco feliz de escrever um epilogo a um desastre litterario! ou a sua peça he boa, ou não he: se he boa escusado era aquelle «episodio dramatico, a que deu por titulo *O autor pateado*, e que he uma pouco estimavel « choradeira » em que o autor desce da sua dignidade naquella dissertação lacrimosa explicando qual foi a sua idéa o seu fim, e até a sua coragem e merecimento! se a peça não he boa, o epilogo não lhe póde valer, e a melhor satisfação que havia a dar ao publico era apresentar uma composição de outra esphera mais subida. Os autores que se despoitam por lhe não terem dado palmas produzem sempre o effeito de uma creança que chora por se lhe recusar um *pão-de-ló*!

Acabamos de ler um poema recentemente publicado, e que apesar de não ter nome de autor no frontispicio, sei e sabem todos, ser devido á penna do Sr. Camillo Castello Branco.

Declaro que gosto mais de defender do que de accusar, e que sinto um verdadeiro desgosto quando tenho que me queixar de alguma obra portugueza. A primeira qualidade de um critico he mais o sentimento pelo *bello*, do que o tácto para descobrir, e ás vezes para inventar defeitos. He por isso que sinto hoje pezar em recommendar esta obra do Sr. Camillo Castello Branco, tanto mais que já o accusei neste mesmo lugar de poeta mais inventivo do que verdadeiro, e mais falso do que correcto.

O titulo do poema he simples, e não he simples; chama-se *Um Livro*.

Um livro! eu sei. . . . Não será antes um volume? he tão difficil escrever um *livro*, com todas as condições precisas. Um folhetim vive um dia; um romance, se tem a felicidade de fazer epoca, vive durante o seu periodo de moda; um drama vive até ao cahir do panno; um *livro* vive sempre!

Toda esta obra do Sr. Camillo Castello Branco denuncia um grande espirito d'analyse, um profundo conhecimento da vida, e apresenta com cores exactas o pungir d'alma violento e acre que accommete o homem quando as illusões se desfolham, e se experimenta a queda successiva de muitas esperanças, e muitos sonhos! o protogonista do poema representa um destes entes baptisados pela fatalidade, e que parece que vem expiar ao mundo algum grande crime de seus avós! a desgraça fe-lo descrer dos homens; a mulher fe-lo descrer do amor! e quando se chega a esse estado doloroso já não podem servir de balsamo para as feridas do coração nem as lagrimas da piedade, nem os estereis sorrisos de allivio dados como esmola pelos amores ligeiros! he preciso ter soffrido para comprehender este poema; a linguagem da dôr tem o seu *argot* particular, e a semelhança das sociedades secretas, tem segredos vedados aos *profanos*.

Este poema tem uma grande originalidade na forma, que ás vezes degenera em incorrecção. As idéas alli voam caprichosamente, sem attender a limites, nem, ás vezes, a regras; mas todos os defeitos teem as suas qualidades, e he muito para apreciar em toda aquella desenvoltura uma excentricidade que impressiona. Aqui para nós um sceptico a esmerar-se em quadras melindrosas devia ser uma soffrivel caricatura. Consta-nos que está quasi extincta a primeira edição desta ultima obra do autor do *anathema*, e esperamos a publicação do seu romance *Mysterios de Lisboa*, que he obra de mais folego e vulto.

Falta-nos espaço para nos occuparmos neste folhetim do drama *Odio de raças*, e como desejamos dar á analyse a importancia que a obra exige, reservamos essa tarefa para a semana proxima.

E como a impressa não deve ser exclusivista, he tempo de fallaremos do theatro da rua dos Condes, que na esphera de theatros de segunda ordem preenche a sua missão com muito louvavel propriedade. Claro he que ninguem vai exigir a uma companhia de pouca força um bom desempenho de alta tragedia ou de comedia de salão. Todavia no genero de farça, e de vaudeville, ha alli muito a louvar. Temos á vista um projecto de estatutos que a empreza publicou, e que denota um certo espirito de progresso, já no plano para estabelecer a base dos interesses para a sociedade, já na attenção que alli se presta a quem escreve, augmentando os direitos de autor, e mantendo a dignidade dos escriptores dramaticos.

Os espectaculos deste theatro são de tão pouca pretenção, que não he preciso grande benevolencia para concorrer alli com a certeza de passar uma noite agradavel. Seja variado e escolhido o repertorio, estenda-se a mão aos artistas inexperientes, e ainda sem popularidade, mas que se apresentam com a grande recommendação do merito, e prophetisamos um agradavel resultado á empreza.

Cessou finalmente a questão das *primas-donnas*, questão que fez época, e que ia endoidecendo os *dillotants*. Md. Castellan cedeu generosamente a *querida Sonambula* á sua rival. Para nunca haver completo prazer na vida, estamos privados da *Favorita*, por doença do tenor Miraglia, artista de quem val a pena ter saudades, e o que nos priva de ouvir o canto verdadeiramente italiano do excellente baritono Pietro Gorin, a quem o publico pode apenas apreciar uma noite, mas que revelou desde logo um grande conhecimento da scena, e uma voz tão melodiosa, como segura. O seu nome vinha já precedido de uma grande reputação, e o artista que foi applaudido em Constantinopla, e em Veneza, não devia esperar senão um resultado lisongeiro, e certo.

Julio Cezar Machado.
(*Revolução de Setembro.*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 15 DE JANEIRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Hoje não houveram cotações.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 13.	162:376$722
Idem do dia 15	23:084$966
	185:461$688

Descarregam hoje 16 de janeiro.

Barca ingleza—*Rosamond*—ferro.
Barca ingleza—*Belle*—bacalhão.
Brigue inglez—*Everton*—carvão.
Brigue inglez—*Ann Porter*—idem.
Brigue hollandez—*Kennet*—diversos generos.
Barca americana—*Elisabeth*—farinha de trigo.
Brigue sueco—*Superior*—farinha de trigo.
Brigue hamburguez—*Olava*—cemento.
Brigue brasileiro—*Maria*—mercadorias.
Hiate brasileiro—*Amelia*—fumo e charutos.

Importaçao'.

Vapor inglez *La Plata*, vindo dos portos do sul, manifestou o seguinte:

1 pacote com dinheiro; a F. A. de Oliveira.
1 dito com amostras; a Adamson & C.
1 dito com dinheiro; a Isaac & C.

Brigue hollandez *Komectt*, vindo de Amsterdam, consignado a Brender a Brandis & C., manifestou o seguinte:

200 caixas queijos, 100 caixinhas ditos, 100 barricas e 200 caixas genebra, 100 caixas velinhas stearinas, 4 fardos lona, 250 botijões oleo de linhaça, 55 fardos papel; aos consignatarios.

Brigue sueco *Superior*, vindo de Trieste, consignado a N. O. Bieber & C., manifestou o seguinte:

1600 barricas farinha de trigo, 60 caixas papel; aos consignatarios.

Brigue inglez *Plata*, vindo de Cardiff, consignado a Johnston Pater & Companhia, manifestou o seguinte:

320 toneladas carvão de pedra; aos consignatarios.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 13.	20:196$868
Idem do dia 15	3:569$528
	23:766$396

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 13	1:190$138
Idem do dia 15	479$134
	1:669$272

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 13	4:613$869
Idem do dia 15.	160$422
	4:774$291

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 13.	30:122$046
Idem do dia 15	2:716$796
	32:838$842

PAUTA

dos preços correntes do assucar, algodão, e mais generos do paiz, que se despacham na mesa do consulado de Pernambuco, na semana de 8 a 13 de janeiro de 1855.

Assucar em caixas branco 1.a qualidade	@	2$200
» » » » 2.a »	»	1$800
» » » masc.	»	1$400
» bar. e sac. branco.	»	2$500
» » » mascavado	»	1$600
» refinado	»	3$200
Algodão em pluma de 1.a qualidade	»	5$700
» » » » 2.a »	»	5$300
» » » » 3.a »	»	4$900
» em caroço.	»	1$425
Espirito de aguardente	canada	$600
Aguardente cachaça	»	$340
» de canna	»	$500
» restilada	»	$450
Genebra	»	$480
»	botija	$220
Licor	canada	$480
»	garrafa	$220
Arroz pilado— duas arrobas, um alqueire		3$100
» em casca	»	1$200
Azeite de mamona	canada	$620
» » mendobim e de coco	»	2$240
« » de peixe	»	1$280
Cacau	@	5$000
Aves — araras —	uma	10$000
» — papagaios	um	3$000
Bolachas	@	5$120
Biscoitos	»	7$680
Café bom	»	4$400
» restolho	»	2$800
» com casta	»	3$500
» muido	»	6$400
Carne secca	»	5$500
Cocos com casca	cento	3$000
Charutos bons	»	1$200
» ordinarios	»	$600
» regalia e primor	»	2$200
Cera de carnauba	@	9$000
» em velas	»	11$000
Cobre novo mão d'obra	℔	$160
Couros de boi salgados	»	$170
» expixados	»	$180
» verdes	»	$090
» de onça	»	15$000
» » cabra cortidos	»	$200
Doce de calda	»	$200
» » goiaba	»	$160
» secco	»	$400
» jaléa	»	$320
Estôpa nacional	@	1$280
» estrangeira, mão d'obra	»	1$000
Espanadores grandes	um	2$000
» pequenos	»	1$000
Farinha de mandioca	alqueire	2$560
» » milho	@	2$000
» » ararula	»	5$500
Feijão	alqueire	3$200
Fumo bom	@	9$000
» ordinario	»	3$000
» em folha bom	»	9$000
» » » ordinario	»	4$000
» » » restolho	»	3$000
Ipecacuanha	»	32$000
Gomma	alq.	3$000
Gengibre	@	1$500
Lenha de achas grandes	cento	2$400
» » » pequenas	»	$800
» » » tóros	»	10$000
Pranchas de amarello de 2 costados	uma	16$000
» » louro	»	7$000
Costado de amarello de 35 a 40 p. de c. e 2 ½ a 3 de l.	»	25$000
» de dito usuaes	»	10$000
Costadinho de dito	»	9$000
Soalho de dito	»	6$500
Ferro de dito	»	4$000
Costado de louro	»	6$000
Costadinho de dito	»	5$200
Soalho de dito	»	3$200
Forro de dito	»	2$200
» » cedro	»	3$000
Tóros de tatajuba	quintal	1$280
Varas de parreira	duzia	1$280
» » aguilhadas	»	1$600
» » quiris	»	$960
Em obras rodas de sicupira para c.	par	40$000
» » eixos » » »	»	16$000
Melaço	canada	$160
Milho	alqueire	1$600
Pedra de amolar	uma	$640
» » filtrar	»	6$000
» » rebolos	»	$800
Pontas de boi	cento	4$000
Piassava	molho	$320
Sola ou vaqueta	meio	2$100
Sebo em rama	@	5$200
Pelles de carneiro	uma	$200
Salsa parrilha	@	18$000
Tapioca	»	2$500
Unhas de boi	cento	$210
Sabão	℔	$095
Esteiras de perperi	uma	$160
Vinagre pipa	»	30$000
Cabeças de cachimbo de barro. .	milheiro	5$000

MOVIMENTO DO PORTO.

Navio entrado no dia 15.

Assu'—9 dias, brigue brasileiro *Liberal*, de 204 toneladas, capitão João Maria Barbosa, equipagem 12, carga sal e mais generos: a Manoel José da Silva Santos. Veio largar o pratico e segue para o Rio de Janeiro.

Navios sahidos no mesmo dia.

Cotinguiba—Sumaca brasileira *Flor do Angelim*, mestre João Rodrigues dos Santos, carga bacalhão e mais generos. Passageiros, João Antonio Ramos, Antonio Lino Vieira de Mello, Antonio Freire Seabra de Lemos.

Genova—Polaca sarda *Raphaelino*, capitão Giuseppe Gaggero, carga assucar e mais generos.

Rio Grande do Sul—Brigue brasileiro *Mafra*, capitão José Joaquim Dias dos Prazeres, carga assucar e mais generos.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda convidar aos proprietarios abaixo mencionados, a entregarem na mesma thesouraria no prazo de 30 dias, a contar do dia da primeira publicação do presente, a importancia das quotas com que devem entrar para o calçamento das casas dos largos da Penha e Ribeira, conforme o disposto na lei provincial n. 350. Advertindo, que a falta da entrega voluntaria será punida com o duplo das referidas quotas na conformidade do art. 6º do regulamento de 22 de dezembro de 1854.

Largo da Penha.	
Ns. 2. Bernardo Antonio de Miranda. . .	60$000
4. Viuva e herdeiros de Manoel Machado Teixeira Cavalcanti	51$400
6. Maria Joaquina Machado Cavalcanti. .	25$200
8. Joaquina Machado Portella	21$600
10. André Alves da Fonseca.	36$000
12. Francisco José da Silva Maia.	12$600
Largo da Ribeira.	
Ns. 1. Viuva e herdeiros de Maralino José Galvão	30$000
3. Ignacia Claudina de Miranda.	25$200
5. Anna Joaquina da Conceição.	41$100
7. Joaquim Bernardo de Figueiredo . . .	21$600
9. O mesmo	21$600
11. Viuva e herdeiros de Caetano Carvalho Rapozo	21$600
13. Os mesmos	21$600
15. Caetano José Rapozo	60$000
17. José Pedro da Silva do Espirito Santo	25$200
19. João Francisco Regis Coelho	52$500
21. Antonio Machado de Jesus	10$800
23. José Fernandes da Cruz.	19$000
25. Joaquim José Baptista	14$800
	574$800

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 8 de janeiro de 1855. O secretario,
Antonio Ferreira d'Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento do disposto no art. 34 da lei provincial n. 129, manda fazer publico para conhecimento dos credores hypothecarios e quaesquer interessados, que foi desapropriada á viuva Maria do Nascimento, uma morada de casa sita na direcção do quinto lanço da ramificação da estrada do sul para a villa do Cabo, pela quantia de 300$000 rs., e que a respectiva proprietaria tem de ser paga do que se lhe deve por esta desapropriação, logo que terminar o prazo de 15 dias contados da data deste, que he dado para as reclamações.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario* por 15 dias successivos.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 13 de janeiro de 1855.— O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

O Dr. Francisco de Assis de Oliveira Maciel, juiz municipal da segunda vara e do commercio nesta cidade do Recife e seu termo por S. M. I. e C., que Deos guarde, etc.

Faço saber que por este juizo da segunda vara commercial, a requerimento de Beaventura José de Castro Azevedo, abri a sua fallencia, pela sentença do theor seguinte:

A' vista da declaração a folhas 2, julgo fallido Boaventura José de Castro Azevedo, e declaro aberta a sua fallencia desde o dia 1.º do corrente mez, que fixo como termo legal de sua existencia por isto mando que se ponham sellos em todos os seus bens, livros e papeis, e nomeio para curador fiscal da fallencia o negociante credor Felix Sauvage, que prestará o juramento do estylo: pagas as custas pelo fallido, em que o condemno. Recife 20 de dezembro de 1854. — *Francisco de Assis de Oliveira Maciel.*

E não tendo aceitado o nomeado ácima o lugar de curador fiscal, assim como tambem não aceitou Manoel Alves Guerra Junior, nomeei em terceiro lugar o credor José Rodrigues da Costa. Em consequencia do que, os credores presentes do dito fallido, compareçam em casa de minha residencia, na rua estreita do Rosario n. ..... ás 10 horas do dia 19 do corrente mez, afim de, em reunião, se proceder a nomeação de depositario ou depositarios, que administrem provisoriamente a massa fallida.

E para constar mandei passar o presente e mais tres do mesmo theor, que serão publicados e affixados nos lugares determinados no art. 129 do respectivo regulamento.

Dado nesta cidade do Recife aos 9 de janeiro de 1855.

Eu Joaquim José Pereira dos Santos, escrivão o subscrevi. — *Francisco de Assis de Oliveira Maciel.*

João Pinto de Lemos, commendador da ordem de Christo, commerciante matriculado no tribunal do commercio da provincia de Pernambuco, e juiz commissario nomeado pelo mesmo tribunal.

Faz saber que tem designado o dia 19 do corrente para a reunião dos credores da casa fallida de Deane Youlle & C., afim de ter execução o art. 842 tit. 2º do codigo commercial na forma do decreto n. 1368 de 18 de abril de 1851, advertindo que nenhum credor será admittido por procurador, se este não tiver poderes especiaes para o acto (art. 145) e que a procuração não pode ser dada a pessoa que seja devedora aos fallidos, nem um mesmo procurador representar por dous diversos credores (art. 822). Em cumprimento do que, todos os credores da referida casa fallida compareçam no escriptorio da mesma, na rua da Cadeia do bairro do Recife n. 52, no referido dia 19 ao meio dia.

E para constar mandei passar o presente que será affixado na praça do commercio e publicado pelo *Diario*.

Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco aos 15 de janeiro de 1855.—Eu Dinamerico Augusto do Rego Rangel, escrivão juramentado o escrevi. *João Pinto de Lemos.*

DECLARAÇO'ES.

— O hiate nacional «Correio do Norte» recebe hoje 16, ao meio dia, a mala para o Ceará.

— Tendo-se de proceder a matricula dos pretos residentes nesta freguezia, que occupam-se no serviço de ganhadores, segundo as instrucções da presidencia para regularisação de auxios prestado no caso de incendio ultimamente publicadas, convida-se aos referidos individuos para que, por si ou por seus senhores os que forem escravos, apresentem-se nesta subdelegacia dentro do prazo de oito dias, á contar desta data. Subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, 12 de janeiro de 1855.—O subdelegado supplente em exercicio, *A. F. Martins Ribeiro.*

— De ordem do Exm. Sr. director geral da instrucção publica, faço saber a quem convier, que está á concurso a cadeira de instrucção elementar do segundo grão de Páo-d'Alho, com o prazo de 50 dias, contados da data deste. Directoria geral 9 de janeiro de 1855.—*Candido Eustaquio Cesar de Mello*, amanuense archivista.

COMPANHIA DE SEGUROS.

EQUIDADE.

ESTABELECIDA NA CIDADE DO PORTO.

AGENCIA EM PERNAMBUCO, RUA DO TRAPICHE N. 26.

O abaixo assignado, agente nomeado desta companhia, e formalmente autorisado pela direcção, aceitará seguros maritimos em qualquer bandeira, e para todos os portos conhecidos, em vasos ou mercadorias, e sob suas respectivas condições; o elevado credito de que tem gosado esta companhia e as vantagens que offerece, fará convencer aos concurrentes da suautilidade, e o seu fundo responsavel de mil contos de reis fortes: a quem interessar ou convier effectuar ditos seguros, poderá dirigir-se á rua ácima citada, a *Manoel Duarte Rodrigues.*

— Pela delegacia do 1.º districto do Recife foi preso e recolhido á cadeia desta cidade o preto Boaventura, que diz ser escravo de José Antonio Comes, morador na cidade de Nazareth. Outro sim foi apprehendido a um preto da Costa um relogio de ouro com corrente igualmente de ouro: quem fôr seu dono compareça munido de documentos legaes, que lhe será entregue. Delegacia deste 1.º districto do Recife aos 9 de janeiro de 1855.—O delegado,
F. B. de Carcalho.

— O conselho da direcção do banco de Pernambuco, em conformidade com os arts. 60 e 66 dos seus estatutos, fará leilão por conta e risco de quem pertencer, de 2.878 caixas com sabão, contendo 65,260 libras marca Soap, e 50,848 libras amarello; quarta-feira, 24 do corrente janeiro, ás 10 horas da manhã, no Trapiche Alfandegado denominado — Alfandega Velha.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em virtude de autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes:

Para o 2.º batalhão de infantaria de linha.

Pratos razos de pó de pedra, 138; ditos fundos de dito, 177; tijellas de louça, 164.

8.º batalhão de infantaria de linha.

Bandas de lãa, 20; bonetes, 306; gravatas de sola de lustre, 274; mantas de lãa, 275; panno verde escuro entrefino covados, 1,583; holanda de forro covados, 1,274; panno preto para polainas ditos, 140; brim lizo varas, 1,868; algodãosinho ditas, 1,275; botões brancos de osso grozas, 69; ditos pretos de dito ditas, 70; cordão de lãa preta de uma linha de grossura para vivos varas, 1,416; oleado preto de lustre covados, 60; botões convexos de metal bronzeado com 7 linhas de diametro, com o n. 8, de metal amarello, 4,508; botões convexos de metal bronzeado com 5 linhas de diametro com o n. 8, de metal amarello, 1,576; esteiras, 349; sapatos pares, 378.

Para os musicos do mesmo batalhão.

Bonetes de panno cor de rapé de forma comnica avivado de couro preto envernizado, pala orisontal do mesmo couro, guarnecida na parte inferior de uma listra de algodão de ouro, designado para o posto do capitão n. 8, dourado entre duas palmas bronzeadas, sustentadas por uma coroa de metal dourada, 16; panno cor de rapé para as sobrecasacas e calças, covados, 119; charlateiras, tendo a pala de panno cor de rapé e meita lua de metal dourado pares, 16; chafarotes com bainhas de couro preto envernizado, bocal e ponteira de metal liso dourado, punho de ebano guarnecido de metal dourado, 27; cinturões de couro preto envernisado, com chapa de apertar de metal dourado com carranca, 27.

9.º batalhão de infantaria de linha.

Bonetes para os musicos do mesmo batalhão, conforme o figurino que existe no arsenal, 27; caldeiras de ferro batido para 50 praças cada uma, 8.

Para provimento dos armazens do arsenal de guerra primeira e segunda classe de officinas.

Taboas de assoalho de amarello duzias, 6; costados de páo de oleo, 6; arcos de ferro de 1 3/4 de polegada de largura arrobas, 6; limas muças triangulas de 6 ditas duzias, 6; grozas meias cannas de 7 ditas ditas, 4; verrumas caixaes ditas, 3; ditas ripaes ditas, 2; ditas de guarnição ditas, 2; junco feiches, 2.

Terceira classe.

Mó grande, 1; barras de ferro sueco de 5 1/2 polegadas, 4; chapas de ferro em lençol de 40 libras cada uma, 2; arame de ferro grosso arroba, 1; limas sortidas duzias, 24; limatões ditos duzias, 14.

Quarta classe.

Zinco em barras arrobas, 4; chumbo em ditas ditas, 4; caixas com folhas de flandres dobradas, 2; ditas com ditas de ditas singelas, 4; cobre velho para fundição arrobas, 20; lençol de latão com o peso de 50 libras cada um, 1; ditos de dito com o peso de 12 libras cada um, 5; cadinhos do norte de n. 6, 10; limas sortidas duzias, 14.

4.º batalhão de artilharia.

Panno carmesim para vivos e vistas covados, 150; copo de vidro, 1; esteiras de palha de carnaúba, 379; caldeira de ferro fundido para 50 praças, 1.

Companhia de cavallaria.

Esteiras de palha de carnaúba, 11; luvas de camurça pares, 11; mantas de lãa, 11.

Colonia de Pimenteiras.

Esquadros de ferro com folha de 12 polegadas de comprimento, 2; ditos pequenos, 4; facões com bainhas e cinturões, 40; parafusos de madeira para prensa de banco, 4.

Quem quizer vender estes objectos, apresente as suas propostas em cartas fechadas na secretaria do conselho, ás 10 horas do dia 20 do corrente mez.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento de arsenal de guerra 13 de janeiro de 1855. —*José de Brito Inglez*, coronel presidente. — *Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

— Por ordem do Illm. Sr. director interino do lyceu se faz publico, que a matricula das aulas do mesmo lyceu acha-se aberta desde o dia 15 até o ultimo deste corrente mez; principiando as aulas o seu exercicio no dia 3 de fevereiro proximo futuro. Directoria do lyceu 13 de janeiro de 1855.—O amanuense, *Hermenegildo Marcelino de Miranda.*

AVISOS MARITIMOS.

— A barca « Gratidão » segue viagem impreterivelmente no dia 19 para Lisboa: quem na mesma quizer ir de passagem, para o que tem bons commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

AO RIO DE JANEIRO

Seguirá brevemente, por ter grande parte do seu carregamento tratada, o veleiro e bem construido brigue nacional *Maria Luzia*, capitão Manoel José Prestrello: para o resto da carga, e para escravos, aos quaes dá excellentes accomodações, trata-se na rua do Trapiche Novo n. 16, segundo andar, com os consignatarios Antonio de Almeida Gomes & C.

— John Donley, capitão da barca ingleza *Guatimala*, arribada a este porto em sua viagem procedente de Calhão de Lima a Cork para receber ordens, precisa a risco maritimo sobre o frete, apparelho, casco e carga, de cerca 6 a 7:000$000 de rs.: os pretendentes mandarão suas propostas fechadas até o dia 16 do andante, ao escriptorio de Mc. Calmont & Companhia.

MARANHA'O E PARA'.

Segue em poucos dias o hiate nacional «Adelaide», ja' tem a maior parte da carga engajada: para o resto e passageiros trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior rua do Vigario n. 4.

PARA A BAHIA

Vai seguir com grande presteza o hiate nacional *Fortuna*, capitão Pedro Valette Filho: para carga trata-se com os consignatarios Antonio de Almeida Gomes & C. na rua do Trapiche Novo n. 16 segundo andar.

PARA A BAHIA.

O hiate *Novo Olinda*, sabe nestes dias: para o resto da carga a tratar com o mestre Custodio José Rocina, ou com os consignatarios Tasso Irmãos.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para o Porto, segue impreterivelmente eviagem no dia 17 do corrente, a veleira galera *Brahamense*: quem nella quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem os mais aceiados commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Espera-se do Assú por estes dias a barca brasileira *Imperatriz do Brazil*, a qual seguirá para o Rio de Janeiro um dia depois da sua chegada, e só recebe escravos a frete e passageiros, para o que tem excellentes commodos: a tratar na rua do Trapiche n. 14, com o consignatario Manoel Alves Guerra Junior.

— Para o Porto pretende sahir com a maior brevidade o brigue portuguez *Bom Successo*, de primeira marcha: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o Sr. Manoel Gomes dos Santos Sena, capitão do mesmo, na praça.

PARA O ARACATY,

Segue em poucos dias o bem conhecido hiate *Capibaribe*, de primeira marcha, pregado e forrado de cobre: para o resto da carga, trata-se na rua do Vigario n. 5.

Para o Rio Grande do Sul,

segue viagem até o dia 20 do corrente o veleiro patacho nacional «Santa Cruz», capitão Manoel Joaquim Lobato: para passageiros, trata-se no escriptorio de Eduardo Ferreira Baltar, rua do Vigario n. 5.

PARA A BAHIA.

Segue com muita brevidade o hiate nacional « Amelia, » por ter parte da carga prompta, para o resto e passageiros trata-se com o mestre Joaquim José da Silveira, no trapiche do algodão, ou com os consignatarios Novaes & Companhia rua do Trapiche n. 34.

Companhia brasileira de paquetes de vapor.

O vapor *Tocantins*, commandante o capitão de fragata Gervasio Mancebo, espera-se dos portos do norte a 21 do corrente, e seguirá para o sul no dia seguinte ao da sua chegada: agencia na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

— Para a Bahia segue em poucos dias o veleiro hiate *Castro*, por ter a maior parte da carga prompta: para o resto trata-se com seu consignatario Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

Para o Rio de Janeiro

o muito veleiro e superior brigue escuna *Maria*, segue em poucos dias por ter o seu carregamento quasi completo: para o resto da carga, passageiros e escravos a frete, trata-se com Machado & Pinheiro, na rua do Vigario n. 19, 2º andar, ou com o capitão a bordo.

PARA O RIO DE JANEIRO

segue o hiate *Venus*; recebe carga e escravos a frete: trata-se com Caetano Cyriaco da C. M. ao lado do Corpo Santo n. 25.

LEILO'ES.

— O agente Victor fará leilão no seu armazem, rua da Cruz n. 25, de esplendido sortimento de obras de marcenaria novas e usadas, de differentes qualidades, chapéos do Chili, charutos de Havana, ditos da Bahia, uma porção de louça vidrada, vinho do Porto em meias garrafas, cognac, e outros muitos objectos que estarão ámostra no acto do leilão: quarta-feira, 17 do corrente, ás 10 ½ horas da manhãa.

— O agente Borja, quarta-feira, 17 do corrente, fará leilão de um completo sortimento de obras de marcineria de differentes qualidades, sendo, novas e usadas, varias quinquilharias, uma porção de optimo chá, de queijos de prato, os quaes objectos vender-se-hão pelo maior preço que se offereça. A meio dia em ponto irá igualmente um excellente cavallo castanho, enfreiado, e outros muitos objectos que enfadonho seria mencionar-se.

— O agente Victor fará leilão de uma excellente mobilia de amarello, consistindo em 2 duzias de cadeiras de amarello do melhor gosto possivel, mesa redonda, consolos, sofás, 1 rica mesa elastica de 6 taboas, leito para casal, lavatorio com pedra, commoda, apparelhos de chá e para jantar, vidros para serviço de mesa, 1 optimo guarda-roupa, etc. Igualmente será vendido 1 rica espada, dragonas e mais objectos pertencentes ao fardamento para qualquer official da guarda nacional: quarta-feira, 18 do corrente, as 10 ½ horas da manhãa, na rua da Cruz, no primeiro andar do sobrado n. 23.

— Victor Lasne fará leilão, por intervenção do agente Oliveira, de multiplicada porção de fazendas, principalmente francezas, de seda, lãa, linho e de algodão, todas proprias do mercado: quinta-feira 18 do corrente, ás 10 horas da manhãa em ponto, no seu armazem rua da Cruz.

AVISOS DIVERSOS.

— Cheauveau, theoria do Cod. penal, por 12$000, e obras completas de Pothiers por 20$000 rs.: quem quizer comprar estas duas obras ou em separado dirija-se a esta typographia que se dira' quem vende estas obras.

RUA NOVA N. 4.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello faz sciente ao publico, que vendeu os bilhetes n. 129 com o premio de 5:000$000 e o numero 1580 com 400$, divididos em quartos, e logo que saia a lista poderão vir receber a sua importancia.

No sitio confronte á capella dos Afflictos, se dirá quem cura morphea perfeitamente.

— D. Anna Maria da Conceição, viuva de José Alexandrino dos Santos, previne a quem quer que possa interessar, que não terá vigor ou validade alguma qualquer papel ou documento, que devendo ser assignado por ella, o não seja a seu rogo por um de seus herdeiros legitimos, assignando outro destes como testemunha; isto para que se não reproduza o facto que ha pouco se deu de serem passados dous papeis sem consentimento da annunciante. E para que não possa ser allegada ignorancia se faz o presente annuncio. Villa do Passo 4 de janeiro de 1855. — A rogo de minha mãi, *José de Barros Lins.* — Como testemunha, *Joaquim de Souza Silva Cunha.*

O solicitador nos auditorios desta cidade abaixo assignado, continua a exercer as funcções desse cargo, para o que pode ser procurado no escriptorio do Illm. Sr. Dr. Joaquim José da Fonceca, o mesmo compromette-se a solicitar causas de partido annual, com todo zelo e actividade, mediante um pequeno honorario, assim como nas causas particulares não põe preço as partes. *Camillo Augusto Ferreira da Silva.*

Sala de dansa.

Luiz Cantarelli, na rua das Trincheiras n. 19, declara ao respeitavel publico que a sua sala de ensino se acha aberta todas as segundas, quartas e sextas, desde ás 7 horas até ás 9 da noite: quem do seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se á mesma casa das 7 ás 9 da manhã, ou das 7 ás 9 da noite.

Aviso aos Srs. padeiros da Boa-Vista.

Vendem-se ou arrendam-se terrenos na entrada do becco das Barreiras, lugar marcado pela postura da camara para se fazer fornos, este lugar prefere-se por ser mais perto dos depositos: os pretendentes entendam-se com o proprietario dos mesmos, na rua do Cotovello n. 21.

— Antonio Egidio da Silva, lente de geometria do lyceu desta cidade, pretende abrir no dia 1. de fevereiro, na casa de sua residencia, na rua Direita n. 78, um curso de geometria para todo o anno lectivo: os senhores estudantes que o quizerem frequentar, poderão dirigir-se a mencionada casa, das 7 horas das manhãa até as 9, e das 3 até as 5 da tarde.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar bem, e de um moleque, negro ou negra para fazer as compras: na rua do Queimado n. 38.

— Offerece-se um homem para trabalhar em refinação, do que tem alguma pratica, assim como tambem offerece 2 taixos grandes de refinar assucar, com muito pouco uso: na rua do Rangel, loja de carapina n. 36, acharão com quem tratar.

MUTILADO

ILEGÍVEL

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Resumo dos maiores premios da loteria 1. de Iguassu, extrahida em 29 de dezembro de 1854.

1 N. 2096. . . . . 20:000$
1 » 1460. . . . . 10:000$
1 » 4134. . . . . 4:000$
1 » 181. . . . . 2:000$
6 » 1694, 3458, 3797, 4707, 4711, 5879. 1:000$
10 » 133, 180, 1838, 2366, 2849, 3369, 5602, 5789, 5919, 5965. . . . . 400$
20 » 89, 149, 161, 336, 1066, 1434, 1734, 1860, 1984, 1994, 3336, 3383, 3426, 3592, 3827, 3872, 3916, 5333, 5635, 5654. . . . . 200$
60 » 196, 587, 624, 660, 852, 903, 1049, 1063, 1518, 1544, 1584, 1614, 1629, 1731, 1824, 1999, 2206, 2248, 2281, 2295, 2519, 2553, 2572, 2584, 2662, 2682, 2828, 2959, 2970, 3028, 3076, 3099, 3130, 3172, 3415, 3446, 3789, 3924, 3931, 4035, 4089, 4222, 4270, 4321, 4368, 4522, 4555, 4721, 4860, 5219, 5371, 5396, 5519, 5565, 5606, 5762, 5803, 5891, 5893, 5955 . . . . . 100$
100 premios de . . . . 40$
1800 ditos de . . . . 20$

Acham-se a' venda os novos bilhetes da loteria 13 do estado sanitario, cuja roda devia correr depois do dia 6 de janeiro, as listas vem pelo vapor nacional de 10 de janeiro, os premios serao' pagos logo que se tenha feito a distribuição das listas.

—*Srs. Redactores.*—Peço-lhes tenham a bondade de dar publicidade n'esta sua muito acreditada folha o *Diario de Pernambuco*. He que no dia 14 do corrente mez, achando-me eu em casa do Sr. Eduardo Ferreira Baltar cita na Passagem da Magdalena, ao passar da ponte pequena. Perto era da noite quando eu estava no melhor regosijo e entre uma reunião de pessoas de grande probidade, e mera civilidade, sette horas eram da noite pouco mais ou menos, fui atacado de uma grande dôr de cabeça, tal a ponto de chegar a perder o sentido, com effeito assim aconteceu por dizerem as pessoas que estavam presentes; todos os soccorros se me foram promptamente applicados, era uma hora da noite, achava-se junto a mim um habil medico acompanhado do dono e dona da casa, dignissimas e honradas pessoas, e mais uma concurrencia de pessoas; tendo-me sido applicados alguns medicamentos, e por espaço de tempo logo senti bastante alivio, e continuando, eis que a esta hora acho-me restabelecido, graças a Providencia e ao amor do proximo. Ora, Srs. Redactores, quanto não sou eu devedor a este tão bom pai de familia, e a uma tão carinhosa mãi, e de que maneira poderei eu exprimir o perfeito reconhecimento que tenho por todas as bondades que continuamente me opprimiam, e me abatiam. Não se contentando de me fazerem qualquer favor, quando eu lh'os pedia, sempre antecipavam-se as minhas rogativas e previniam tudo quanto eu podia desejar. Como não sou eu feliz, em ter um tão bom amigo, e quão poucos são os que se encontram n'este mundo que os possam igualar, e comtudo, Srs. Redactores, no meio da minha felicidade eu não vivo contente, porque já lhe devo muitos favores, e acho-me na impossibilidade de fazer cousa alguma que possa entrar em parallelo com o menor dos seus beneficios; espero que a fortuna me ponha algum dia em estado de mostrar-lhes melhor, o que não posso agora. Que sou com toda a sorte de reconhecimento!

Ao Sr. Eduardo Ferreira Baltar e sua querida esposa, e aos Srs. que se acharam presentes ao meu lado.

Os Srs. — *José Antonio França*, *Torres Filho*, capitão *Alexandre José Alves*, *Raimundo* etc.

O agradecido

O capitão do brigue nacional « Flôr do Rio. » — *José Francisco Lopes da Costa.*

— Precisa-se de um criado para o serviço interno e externo de um collegio em Maceió: a pessoa desta profissão que quizer contratar, dirija-se á rua Direita n. 64, segundo andar.

— O Sr. Augusto Luiz Pereira da Cunha, chegado ha pouco do Maranhão, tem uma carta na rua atraz da matriz da Boa-Vista n. 16.

— Manoel Fernandes de Mello retira-se para fóra da provincia.

— Precisa-se de 2 caixeiros para padaria e deposito, e que dêm fiador a sua conducta: quem se achar habilitado, dirija-se ao pateo do Terço n. 10, que achará com quem tratar.

— Perdeu-se um cavallo quartáo, no dia 13 do corrente, com os signaes seguintes: rodado, clina aparada, cauda preta e aparada, he bem novo, levou cangalha e 2 ancoretas, e 1 encerado: quem o achar, poderá restituir no engenho Bello Monte, freguezia da Escada, ou nesta praça, na rua da Cadeia do Recife n. 50, que se pagarão as despezas.

— Lava-se e engomma-se com perfeição, por preço commodo: na rua de Santa Thereza n. 31.

— Desencaminhou-se na noite do dia 14, pelas 7 horas, pouco mais ou menos, um negro, na direcção da rua do Vigario a rua do Pilar, em Fóra de Portas, levando 1 chapéo fino da fabrica de Paris, 2 cobertores de algodão da terra, 1 par de castiçaes de metal amarello, e uns periodicos com figurinos: roga-se a pessoa a quem estes objectos forem offerecidos, de os apprehender e leva-los á rua do Vigario n. 12, que será bem gratificada.

— O hotel da Europa da rua da Aurora acaba de receber um cozinheiro francez muito habil, e por isso acha-se habilitado para servir os seus freguezes, apromptando bons petiscos a toda hora; e tambem recebe qualquer encommenda de pasteis e podins, pelo preço marcado na tabella.

— No hotel da Europa tem salas e quartos forrados com lindo papel, para aluguel, com comida ou sem ella.

— Tendo chegado um grande sortimento de chapeos do Chile, quem pretender, dirija-se ao hotel Francisco n. 9.

— Dá-se a juros sobre hypotheca, até 1:000$000; na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

JOIAS.

Os abaixo assignados, donos da loja de ourives, na rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, fazem publico, que estão recebendo continuadamente muito ricas obras de ouro dos melhores gostos, tanto para senhoras como para homens e meninos; os preços continuam mesmo baratos como tem sido, e passa-se contas com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos os mesmos por qualquer duvida.—*Seraphim & Irmão.*

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva, para o serviço interno de uma casa de 3 pessoas de familia; a fallar na rua estreita do Rosario n. 20, segundo andar.

— Precisa-se de officiaes de carapina e pedreiro, dando-se bom jornal, e sendo bons tambem se lhes dará empreitadas etc.: na obra que se está fazendo na rua do Crespo junto a ponte.

AMA.

Precisa-se de uma ama forra ou captiva, que engomme bem: no aterro da Boa-Vista n. 48, loja.

Agencia de passaportes.

Tiram-se passaportes para dentro e fóra do imperio, titulos de residencia e folhas corridas, com a maior brevidade, e pelo preço o mais commodo possivel: na rua do Rangel n. 8.

— Os credores de José Manoel de Araujo são convidados a virem ao escriptorio de Guimarães & Alcoforado, para receber o que lhes tocou em dividendo do liquido producto da sua taberna, sita na rua do Aragão.

LEITURA REPENTINA.
METHODO CASTILHO.

A escola se acha transferida para a rua larga do Rosario n. 48, principia a leccionar no dia 8 de janeiro. As lições para as pessoas occupadas de dia serão das 7 a's 9 da noite.

—Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer as compras para uma mui pequena familia: na rua da Conceição n. 9; prefere-se escrava.

CONSULTORIO DOS POBRES

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.

Ditas 36 ditos a . . . . 20$000
Ditas 48 ditos a . . . . 25$000
Ditas 60 ditos a . . . . 30$000
Ditas 144 ditos a . . . . 60$000
Tubos avulsos . . . . 1$000
Frascos de meia onça de tinctura. . . . . . 2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptá-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.
THESOURO HOMEOPATHICO
OU
VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la a mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por . . . 10$000
» » encadernados . . . 11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

— O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa aos possuidores do bilhete inteiro dividido em vigesimos n. 3443, em que sahio o premio de 2:000$, e aos do bilhete inteiro, divididos em decimos n. 2860, da primeira parte da primeira loteria d'amoreiras e bicho da seda, em que sahio o premio de 1:000$, podem vir receber sem o desconto de 8 por cento do imposto geral: na rua do Trapiche n. 36 segundo andar, logo que sahira lista geral.

— Precisa-se de uma ama para comprar e cozinhar para uma casa de pouca familia: na travessa da Concordia, indo para a cadeia nova, n. 17.

— Precisa-se alugar uma preta captiva para uma casa de pequena familia, que cozinhe: na rua do Sebo n. 42.

CASA DE COMMISSA'O DE ESCRAVOS.

Na rua Direita sobrado de 3 andares defronte do becco de S. Pedro n. 3, recebem-se escravos de ambos os sexos para se venderem de commissão, não se levando por esse trabalho mais do que 2 por cento, e sem se levar cousa alguma de comedorias, offerecendo-se para isto toda a segurança precisa para os ditos escravos.

— O padre João José da Costa Ribeiro, substituto das cadeiras de latim desta cidade, abre a sua aula particular no dia 1 de fevereiro.

— Uma mulher se incumbe de lavar e engommar roupa com toda a perfeição: no principio da rua de Santa Thereza n. 7.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

— O Sr. João Nepomuceno Ferreira de Mello, que mora para o Salgadinho, queira mandar receber uma encommenda na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FABRICA DE SABA'O.

Continua no seu trabalho e acha-se aberto um deposito na rua da Senzala velha n. 140, aonde acharão sempre do muito acreditado sabão amarello, cinzento e preto, os preços serão sempre o mais commodo possivel: trata-se com Delfino Gonçalves Pereira Lima no mesmo deposito.

— O Sr. Cassiano Alberto Pimenta de Souza Peres tenha a bondade de apparecer na rua do Queimado, loja n. 17. aonde se lhe deseja fallar.

— Antonio da Fonte, subdito portuguez, retira-se para Portugal a tratar de sua saude.

—Dão-se 500$000 a juros sobre hypotheca de uma casa: na rua da Assumpção n. 18.

— O escripturario da companhia de Beberibe encarrega-se de comprar e vender acções da mesma companhia: na rua Nova n. 7 primeiro andar.

— L. Delouche faz saber ao respeitavel publico, principalmente aos seus freguezes, que acaba de comprar a relojoaria de Mr. Lacaze, na rua Nova n. 22, para onde já transferio o seu estabelecimento, convidando-os a que ahi o procurem, na certeza de terem-no sempre prompto a desempenhar o seu trabalho de maneira a satisfazer a confiança nelle depositada.

— Aluga-se uma casa terrea na Boa-Vista, na rua dos Coelhos, com 6 quartos, 2 salas, cozinha fóra, concertada e pintada de novo; quem a pretender, dirija-se á rua do Queimado, loja n. 10.

— A viuva de Fortunato Correa de Menezes roga a todos os seus devedores tenham a bondade de virem satisfazer seus debitos na praça da Independencia n. 17. A mesma declara que a unica pessoa encarregada do dito recebimento he seu mano Thomaz José Marinho.

— Paulo Gaignoux, dentista, já voltou do matto, onde passou a festa, e póde ser procurado na sua casa, rua larga do Rosario n. 36, segundo andar.

— O professor publico de latim da freguezia de S. José do Recife, abaixo assignado, declara que acha-se aberta a matricula de sua aula do dia 15 do corrente em diante, e que no dia 3 do vindouro mez de fevereiro principiarão os trabalhos; no largo do Terço, casa n. 33.— *Manoel Francisco Coelho.*

— Offerece-se um rapaz portuguez para caixeiro de taberna ou outro qualquer estabelecimento, para tomar conta por balanço ou sem elle, para o que tem bastante pratica: quem do seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se á praça da Independencia n. 10, das 10 as 2 da tarde.

INSTRUCÇAO'.

José Bernardino de Souza Peixe, professor particular de francez e lingua nacional, residente na rua Direita n. 56, participa aos pais de seus alumnos e áquellas pessoas a quem interessar possa, que no dia 22 do corrente principiam os trabalhos da sua aula.

— O abaixo assignado, discipulo que foi do finado Exequiel, offerece seu prestimo para dar lições de dansa, tanto antigas figuradas como modernas, quadrilhas, polk, chothes, mashulkas, duetos, etc. etc.: quem o quizer honrar com a sua protecção, tanto em sua casa como mesmo nas casas dos pretendentes, o poderão procurar na rua dos Copiares n. 19, de meio dia até 3 horas da tarde.

Manoel Francisco de Souza Magalhães.

— A. Lacaze tem a honra de participar ao respeitavel publico, que vendeu a sua casa de relojoaria da rua Nova n. 22 a Mr. L. Delouche, continuando todavia a nella trabalhar como d'antes; pelo que roga aos seus freguezes que lhe continuem, e ao seu successor a confiança que sempre lhes mereceu.

— O Dr. Carolino Francisco de Lima Santos mora na rua das Cruzes n. 18, primeiro andar, onde, no exercicio de sua profissão de medico, dá consultas aos pobres das 7 as 9 horas da manhãa.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar. Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Novos livros de homeopathia mefrancez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes. . . . . 20$000
Teste, molestias dos meninos . . . . . 6$000
Hering, homeopathia domestica. . . . . 7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica. . . . . 6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes . . . . 16$000
Jahr, molestias nervosas. . . . . . . 6$000
Jahr, molestias da pelle. . . . . . . 8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes 16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos. . . . . 10$000
A Teste, materia medica homeopathica. . 8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica 7$000
Clinica de Staoneli . . . . 6$000
Casting, verdade da homeopathia. . . . 4$000
Diccionario de Nysten . . . . 10$000
Atlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano . . 30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua do Collegio n. 25, primeiro andar.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

— Uma pessoa habilitada a' ensinar primeiras lettras se offerece a dar lições em casas particulares: quem quizer utilisar-se do seu prestimo pode dirigir-se a esta Typographia que se dira' quem he.

— O padre João Capistrano de Mendonça, professor de geographia, chronologia e historia do lyceu desta cidade, pretende abrir no 1. de fevereiro um curso particular de rethorica, e outro de geographia para todo o anno lectivo: os senhores estudantes que os quizerem frequentar, poderão dirigir-se á casa n. 51 da rua Nova, a qualquer hora, afim de darem seus nomes á matricula.

— Offerece-se um rapaz brasileiro para caixeiro de qualquer estabelecimento, excepto taberna ou padaria, o qual dá fiador de sua conducta: quem o pretender, annuncie por este jornal.

— Vende-se cal virgem de Lisboa, a mais nova e melhor que ha no mercado, a 4$000 a barrica: na rua do Collegio n. 21.

O BRASIL MARITIMO.

Até o dia 15 deste mez acha-se aberta nesta typographia a renovação de assignatura do segundo anno deste interessante periodico, dedicado unicamente á propagação dos conhecimentos maritimos, organisação e administração etc. da marinha de guerra e mercante nacional, sendo redigido pelo Sr. tenente da armada Euzebio José Antunes, auxiliado pela collaboração de algumas pessoas illustradas da mesma corporação. Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados, contendo 12 paginas em quarto, sendo 8 destinadas ás materias do programma, e 4 exclusivamente á publicação das regras internacionaes e diplomacia do mar de Ortolan, obra esta assás importante e necessaria á todos que sulcam es Oceanos. O custo da assignatura he de 5$000 annuaes pagos adiantado, e de 8$000 para os senhores subscriptores que quizerem possuir quasi todo o primeiro volume da obra referida, já annexa ao primeiro anno do periodico.

LOTERIA DE N. S. DA SAUDE.

Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto de oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham á venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu infallivel andamento em 27 de janeiro corrente.

Bilhetes	5$500	recebe	5:000$000
Meios	2$800	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000
Oitavos	$800	»	625$000
Decimos	$700	»	500$000
Vigesimos	$400	»	250$000

— Quem precisar de um cozinheiro brasileiro adoptivo para qualquer casa particular ou para embarcar dirija-se a rua dos Pires n. 28, ou annuncie sua morada para ser procurado.

— Manoel Elias de Moura avisa ao respeitavel publico, que desta data em diante deixa de aviar receitas e preparar medicamentos em sua botica, na praça da Boa Vista n. 24, a qual passa a ser casa de drogas, para o que ja' fez ao conselho de higyene a competente participação. Os Srs. boticarios que quizerem dirigir-se a' sua casa para ahi fazerem os seus suprimentos, serão perfeitamente servidos, e encontrarão drogas da melhor qualidade que ha no mercado.

LOTERIAS DA PROVINCIA.

O thesoureiro das loterias avisa que se acham a venda os bilhetes da segunda parte da primeira loteria a beneficio da Matriz do Poço da Panella, que corre impreterivelmente no dia 27 do corrente mez de janeiro, e os poucos bilhetes que estão por vender acham-se na loja da praça da Independencia n. 4, e no aterro da Boa Vista n. 48. Preço 5$000 rs.

— Aluga-se uma das melhores e mais bem afreguezadas lojas da rua do Queimado n. 57, com uma nova e mui fina armação para miudezas: quem a pretender, dirija-se ao pateo do Collegio n. 6, primeiro andar.

— Precisa-se de officiaes de calça: na rua Nova esquina da ponte.

— Alugam-se o terceiro e quarto andares da rua da Cadeia do Recife n. 4: a tratar no armazem dos mesmos.

— Traspassa-se a chave e armação de uma casa, propria para fazendas, miudezas ou outro qualquer negocio; trata-se na rua da Cadeia do Recife n. 30.

— O remedio contra a hydrophobia, conservado em segredo pela familia do finado padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, e com o qual esta tem curado a um infinito numero de pessoas nesta provincia, o que he geralmente sabido, não só pela sua eficacia, como pela antiguidade de sua aplicação, continúa a existir na mesma familia, e a ser por esta aplicado: as pessoas que delle tiverem precisão dirijam-se a qualquer das sobrinhas do dito finado padre Miguel nesta cidade e no lugar da Capunga, e fora da cidade no lugar das Candeias em casa do annunciante—João Sergio Cezar d'Andrade.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque mudou a sua aula para a rua do Rangel n. 11, onde continua a receber alumnos internos e externos desde ja' por modico preço como he publico: quem se quizer utilisar de seu pequeno prestimo o, pode procurar no segundo andar da referida casa a' qualquer hora dos dias uteis.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer todo mais serviço de uma casa: no largo do Terço n. 27, segundo andar.

— Não se tendo reunido em tempo os credores dos fallidos Victorino & Moreira, são de novo convidados á comparecerem terça-feira 16 do corrente, ás 10 horas da manhãa, na casa de residencia do Illm. Sr. Dr. juiz de direito do commercio, Custodio Manoel da Silva Guimarães, na rua da Concordia, sobrado n. , para verificação dos creditos e nomeação de administrador ou administradores, ficando os mesmos credores advertidos, que não serão admittidos procuradores, se estes não apresentarem procuração com poderes especiaes para o acto, e que a procuração não póde ser dada a pessoa que seja devedor aos fallidos, nem um mesmo procurador póde representar por dous diversos credores. Cidade do Recife 12 de janeiro de 1855. — O escrivão, *Santos*.

— Na pracinha do Livramento loja n. 1 se dirá quem dá dinheiros a juros em piquenas quantias sobre penhores de ouro e prata.

— Os Srs. abaixo declarados tenham a bondade de vir á rua da Senzala Velha n. 94, concluirem o negocio que não ignoram, do contrario passar-se-ha a usar dos meios que a lei nos faculta, para o que lhes são concedidos 30 dias a contar da data deste: Joaquim da Silva Mourão, Antonio Alves de Lima Gadut (que teve casa de pasto), Manoel Lopes Guimarães, Henriques Payante, José Martins do Rego de (Porto Calvo), Antonio José Gomes, Manoel Figueira da Silva de (Goianna), Antonio Barbosa de Freitas, Antonio Bernardo de Lemos e Silva.

— Tendo-se ausentado do Recife, em 22 de maio do anno proximo passado 4 escravos, como consta dos annuncios então impressos nos jornaes desta cidade, destes apenas se recolheram 2, e acham-se ainda ausentes os outros 2, sendo os mais desejados porque foram os autores da fuga de todos; pede-se portanto a apprehensão do preto José, de alta estatura, idade mais de 30 annos, com falta do olho esquerdo, côr bastante negra, e muito prognostico. Jorge, côr fula, alto, tambem de boa figura, idade de 25 a 30 annos, com um pequeno talho em um dos cantos da bocca; ambos estes escravos são crioulos e filhos do sertão, e ha muito pouco tempo estavam nesta praça; pelo depoimento dos chegados consta que seguiram os fugidos pela estrada do Limoeiro até Cariri-Velho, alli se separaram, e depois continuaram para Pajeú de Flores, d'onde José he natural, dizendo que ia ver os parentes, e depois provavelmente seguiriam para o Sobral, ás Catingas de Piauhy, d'onde Jorge he natural; he o mais que se póde indicar a quem possa delles tirar partido: pede-se, portanto, a todas autoridades policiaes e capitães de campo a apprehensão dos referidos escravos, e se offerece a quantia de 100$000 por cada um, ou 250$000 vindo ambos juntos, a quem os trouxer a esta praça a viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45; na Parahiba aos Srs. José Luiz Pereira Lima & C.ª; no Rio Grande do Norte ao Sr. Theotonio Coelho de Cerqueira; no Ceará ao Sr. Manoel Caetano de Gouveia; e no Maranhão ao Sr. Caetano Cesar da Silva Rosa.

— José Pestana da Silva, subdito portuguez, retira-se para o Pará.

— Precisa-se de uma escrava para uma casa: na rua do Trapiche Novo n. 28.

ATTENÇAO'.

A taberna nova do barateiro, na povoação de Santo Amaro de Jaboatão, acha-se com um completo sortimento de bebidas de todas as qualidades, cerveja em meias garrafas e garrafas, licores francezes, vinho tinto e branco, queijos novos, sardinhas de Nantes, manteiga ingleza e franceza, da melhor que se póde encontrar no mercado, chá da India e de S. Paulo, dito preto, chocolate, assucar de todas as qualidades, bolachinha ingleza, dita de araruta, charutos para os amigos do bom gosto, das melhores marcas, S. Felix, Figueiredo, Rocha, e outros muitos que se pedirem, aletria, macarrão, talharim para sopa; pedimos tambem aos senhores de engenho mais proximos que nos queiram honrar nosso novo estabelecimento com suas freguezias, achando tudo pelo preço da praça e a satisfação do comprador.

— Quem precisar de uma ama escrava, que sabe cozinhar o diario de uma casa e fazer o serviço da mesma, a qual tem muito boa conducta, dirija-se á rua do Queimado n. 14, loja.

COMPRAS.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54.

— Compra-se uma morada de casa terrea em quaesquer dos bairros desta cidade: quem a tiver, dirija-se a taberna do pateo do Carmo, quina que volta para a camboa do mesmo, que se lhe dirá quem compra.

— Compra-se toda porção de prata velha ou nova, que possa apparecer, a peso conforme sua qualidade: na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar, se dirá quem compra.

VENDAS

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160. e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— A bordo do hiate *Castro* tem para vender-se muito superior sal do Assu'; para tratar, no escriptorio de Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

— Vendem-se 2 vaccas paridas de muito proximo tempo, e por commodo preço: no sitio da Torre em Belem. No mesmo sitio appareceu uma vacca sem cria; quem fôr seu dono póde alli procura-la.

— Vende-se em casa de Fox Brothers, linha de novello da mais superior qualidade que vem ao mercado, de todos os sortimentos, tendo os maços um peso muito superior aos que geralmente são importados; tambem continua-se a vender linha de carritel de 200 jardas de n. 16 a 150, e fitas de lãa de 20 jardas cada peça.

— Vendem-se no pateo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, caixões com 2 ½ libras de doce de goiaba a 400 rs., e estampas para bentinhos de N. S. do Carmo vindos de Lisboa.

— Vende-se uma escrava moça, de bonita figura, e com algumas habilidades: na praça da Boa-Vista, taberna n. 15.

— No aterro da Boa-Vista n. 80, vende-se gomma de engommar a 80 rs. a libra, batatas a 40 rs., figos a 200 rs., nozes a 120, passas a 320, peras a 320, manteiga ingleza a 800 rs., dita franceza a 560, chá hysson a 2$560, dito brasileiro a 1$600, amendoas a 320, chouriças superiores a 480 a libra.

ATTENÇAO'.

Vende-se saccas com feijão mulatinho, chegado do Aracaty: na taberna da rua da Moêda n. 25.

Madapolão com toque de avaria a 2$500, 3$000 e 5$500!!!

Vende-se na loja n. 17 da rua do Queimado, peças de madapolão fino com toque de avaria de agua doce, pelos preços ácima, a dinheiro á vista.

— Vende-se uma escrava de nação, engommadeira e cozinheira, e lava de sabão; um pardo de optima figura, sapateiro, e um escravo da Costa, optimo ganhador de rua: na rua das Cruzes n. 22, se dirá quem vende.

— Na rua das Cruzes n. 40, taberna do Campos, ha das melhores e mais modernas bichas hamburguezas para vender-se em grandes porções e a retalho, e tambem se aluga.

NOVOS PADRO'ES DE CHITAS BARATAS, LOJA DA RUA DO CRESPO N. 14 DE DIAS & LEMOS.

Chitas saragoçanas caboclas, muito bonita 180 rs. o covado, ditas silveiras, miudinhas padrões muito bonitos padrões e fixes a 200 rs. o covado, ditas de ramagens tambem fixas a 200 rs. o covado, cobertores grandes a 640, ditos pequenos a 560, algodão mesclado, panno couro a 180; e outras muitas fazendas baratas, e tudo se da' amostras com pinhor.

A 60$000 rs.

Muito superiores e finos chapéos do Chile de abas grandes e pequenas, para homens e senhoras, e de outras qualidades de 8$ rs. para cima: na loja e fabrica de chapéos de Joaquim de Oliveira Maia, na Praça da Independencia ns. 24, 26, 28 e 30.

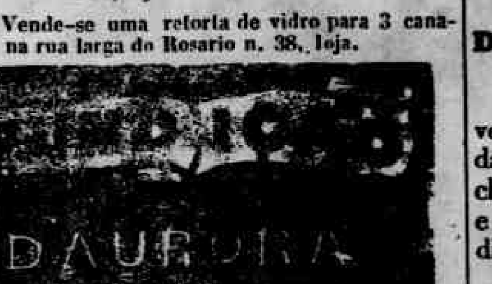
DE 100$ A 200$000 rs.

Chapéos do Chile finissimos, a melhor fazenda que tem vindo ao mercado: na loja e fabricas de chapéos de Joaquim de Oliveira Maia, na praça da Independencia ns. 24, 26, 28 e 30.

— Vendem-se couros de lustre novos de marca grande, cemento amarello em barris de 10 e 12 arrobas, e as tinas, a 9$ a barrica: no armazem de C. J. Astley & Companhia, rua do Trapiche n. 3.

— Vende-se o curso theorico e pratico de partos, por J. Capuron, nova edição enriquecida com 13 estampas, e augmentado com notas tiradas do—tratado da arte dos partos—por Alf. Velpeau, e outras obras modernas, e seguido de um quadro analitico da arte dos partos, pelo Dr. J. R. Marinus: na rua larga do Rosario n. 38, loja.

— Vende-se uma retorta de vidro para 3 canadas: na rua larga do Rosario n. 38, loja.



C. STARR & C.

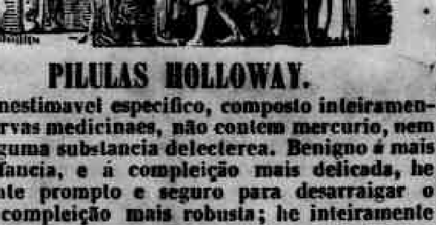
respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continua a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha

DEPOSITO DE MACHINAS

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) de que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fórmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que seria enfadonha enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se comprometem a fazer executar, com a maior presteza, perfeição, e exacta conformidade com os modelos ou desenhs, e instrucções que lhe forem fornecidas.

SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.



PILULAS HOLLOWAY.

Este inestimavel especifico, composto inteiramente de hervas medicinaes, não contem mercurio, nem outra alguma substancia delecterea. Benigno á mais tenra infancia, e á compleição mais delicada, he igualmente prompto e seguro para desarraigar o mal na compleição mais robusta; he inteiramente innocente em suas operações e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grão, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que já estavam ás portas da morte, perseverando em seu uso, conseguiram recobrar a saúde e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

As mais afflictas não devem entregar-se á desesperação: façam um competente ensaio dos efficazes effeitos desta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saúde.

Não se perca tempo em tomar esse remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilepticos.	« de toda especie.
Alporcas.	Gota.
Ampolas.	Hemorrhoidas.
Areias (mal d').	Hydropisia.
Asthma.	Ictericia.
Colicas.	Indigestões.
Convulsões.	Inflammações.
Debilidade ou extenuação.	Irregularidades da menstruação.
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Lombrigas de toda especie.
	Mal-de-pedra.
Desinteria.	Manchas na cutis.
Dor de garganta.	Obstrucção de ventre.
« de barriga.	Phthisica ou consumpção pulmonar.
« nos rins.	
Dureza no ventre.	Retenção d'ourina.
Enfermidades no figado.	Rheumatismo.
« venereas.	Symptomas segundario.
Enxaqueca.	Temores.
Herysipela.	Tico doloroso.
Febres biliosas.	Ulceras.
« intermittentes.	Venereo (mal).

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres, n. 244, *Strand*, e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vende-se as bocetinhas a 800 réis. Cada uma dellas contém uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar d'estas pilulas.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum, pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco

CAL VIRGEM.

a mais nova que ha no mercado, a preço commodo; na rua do Trapiche n. 15, armazem de Bastos Irmãos.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se em casa de Brunn Praeger & Companhia: na rua da Cruz n. 10 por modico preço.

— Vende-se a casa que foi incendiada no dia 2 do corrente, com a frente para o rio, contendo varias casas, e juntamente o terreno com varios pés de fructeiras, o terreno tem 1,500 palmos de comprido e 160 de largo; vende-se junto ou em separado, livre e desembaraçado: para tratar, na rua da Senzala Velha n. 110.

— Vende-se uma morada de casa de um andar e sotão, sita na rua Augusta desta cidade, com 40 palmos de frente: quem a pretender, dirija-se á rua do Collegio n. 10, primeiro andar.

— Vende-se a muito afreguezada taberna da rua do Mondego n. 68, com poucos fundos, ou só a armação: a tratar na mesma, ou na rua de Apollo, com o Sr. Francisco de Paula Dias Fernandes.

— Vende-se um carro americano, novo, de 4 rodas, chegado ultimamente da America: os pretendentes dirijam-se á rua de S. Francisco, cocheira do Sr. Raymundo.

— Vendem-se excellentes cavallinhas de Lisboa, em barris de 175 cada um, a 5$000 o cento: na rua da Prata n. 4.

— Vende-se superior vinho muscatel de Setubal, em ancoretas de 2 ½ canadas e 5 cada uma; na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Vende-se uma preta de nação, de meia idade, pelo preço de 350$000; o motivo he por querer vender na rua, e não o querer servir em casa: a tratar na rua estreita do Rosario n. 11.

MADAPOLAO' COM TOQUE DE AVARIA

A 2$, 2$500, 3$, e 5$500 a peça!!!

A dinheiro á vista.

Vende-se na rua do Queimado n. 17, loja ao pé da botica, madapolões finos com toque de avaria de agua doce.

NA RUA DO APOLLO N. 19,

vendem-se saccas com farinha de mandioca, superior qualidade por preço nunca visto; sendo porção faz-se todo o negocio.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 56$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Lonas da Russia, de boa qualidade, e por preço commodo; vendem Novaes & Companhia em seu escriptorio, rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo trapiche do Ferreira. a entender-se com o administrador do mesmo.

— Vende-se um excellente sitio muito perto da praça, com casa de vivenda soffrivel, murado em toda a frente, com alicerces para uma casa de 40 palmos de frente e 110 de fundo, com cacimba de agua de beber, assim como um poço com agua igual a do Capibaribe, differentes fructeiras de boas qualidades, muito boa baixa para capim com cambos no fundo, que pode-se bem fazer 2 optimos viveiros etc.: a fallar com M. Carneiro, ou na entrada da estrada dos Afflictos, primeiro sitio a direita.

— Vende-se papel pintado, envernisado, com a particularidade de se poder lavar, e sempre esta' novo, decorações mui lindas e modernas, e preço razoavel quanto a qualidade: vende-se na rua da Cruz do Recife n. 27, armazem de Victor Lasne.

SAL DO ASSU'

vende-se abordo do hiate « Adelayde » fundeado defronte do Trapiche do algodão: a tratar com J. B. da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

PALHA DE CARNAUBA

vende-se a bordo do hiate « Adelaide »: a tratar com José Baptista da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA

nos armazens de Paula Lopes, Annes e Cazuza no caes da Alfandega a' preço commodo: trata-se com José Baptista da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Reduzido de 640 para 500 rs. a libra

Do arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão*.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWNIAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinho de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇAO

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

AOS NEGOCIANTES.

Vende-se na villa de Mamanguape a melhor casa que alli existe, tanto pela mão d'obra o tamanho, como pela posição para commercio, tendo sido feita para este fim, e por modico preço: quem a pretender, dirija-se ao seu proprietario, na capital desta provincia, o thesoureiro da alfandega João Carlos de Almeida e Albuquerque, e nesta villa ao Dr. Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque.

Para senhoras.

Superiores chapeos de palha e seda para passeio, fazenda inteiramente moderna e de bom gosto, por preço muito commodo: na praça da Independencia n. 24, 26, 28 e 30.

FARINHA DE MANDIOCA.

Na loja n. 26 da rua da Cadeia do Recife, esquina do beco Largo, vendem-se saccas com superior farinha da terra por menos preço do que em outra qualquer parte.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Vendem-se caixas com velas stearinas de superior qualidade, meias latas e quartos de sardinhas, cognac em barris, gigos com garrafas e meias de champagne da ja' bem conhecida marca estrella, e quartolas com o verdadeiro vinho de Bordeaux: na rua do Trapiche n 11.

Saccas de farinha.

Vendem-se saccas com farinha da terra, nova e bem torrada; vendem-se tambem saccas com arroz na rua da Cadeia do Recife n. 18 e 23.

— Vende-se um carro novo inglez de 4 rodas, recentemente chegado, para um ou dous cavallos, feito em Londres: para ver na cocheira do Sr. Poirier no aterro da Boa-Vista n. 55; e para tratar na rua da Cruz n. 42 no escriptorio de Crabtree & C.

— Vende-se sola muito boa, pelles de cabra, e gomma muito boa em saccos: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

FARINHA DE MANDIOCA.

Saccas com superior farinha de mandioca: no armazem de Tasso Irmãos.

Champagne da superior marca Cometa: no armazem de Tasso Irmãos.

OLEO DE LINHAÇA

em barris e botijões: no armazem de Tasso Irmãos.

GARRAFAS VASIAS

em gigos de groza e de 110 garrafas: no armazem de Tasso Irmãos.

Em casa de Timm Monsen & Vinassa, na praça do Corpo Santo n. 13, ha para vender

um sortimento completo de livros em branco, de superior qualidade.

VINHO DO PORTO, SUPERIOR FEITORIA,

em caixas de uma ou duas duzias de garrafas: vende-se unicamente na rua da Cadeia do Recife n. 4.

RELOGIOS DE OURO INGLEZES DE PATENTE.

Vendem-se por preço muito commodo: na rua da Cadeia do Recife n. 4, armazem de Barroca & Castro.

— Vende-se um curso de geometria por Lacroix, a saber; arithmetica, geometria, algebra e trignometria: no aterro da Boa-Vista n. 68.

Vende-se uma propriedade na Passagem da Magdalena, porque o proprietario muito deseja cumprir deveres ponderosos; quem pretender compra-la fará o especial favor dirigir-se á rua estreita do Rosario n. 30, segundo andar.

— Na rua de Apollo n. 19, vende-se potassa muito nova, chegada ultimamente do Rio de Janeiro, por menos preço do que em outra qualquer parte, e 25 traves de mangue, que existem no Caes de Ramos.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Fugio da casa do abaixo assignado, na madrugada de 3 do corrente, um seu escravo, crioulo, de nome Amaro, official de sapateiro, de idade 30 annos, pouco mais ou menos, altura regular, barba pouca, dentes limados, os olhos enfumaçados, anda calçado, tem as mãos calejadas do fio de sapateiro, tem a testa com os cantos descobertos, he bem fallante; este escravo quando fugio levou comsigo um cavallo castanho, arreiado com um sellim inglez comprido e muito estreito, cabeçada tambem ingleza, o cavallo tem 10 annos, pouco mais ou menos, andador de baixo a meio, frente aberta, com um calombinho no espinhaço e roncolho; o dito escravo foi do Sr. Manoel Pinto Borba, morador no Gamela: quem o pegar ou delle der noticia, dirija-se á rua da Senzala Velha, cocheira n. 114, que será generosamente recompensado. — *Joaquim Paes Pereira da Silva.*

— No dia 9 do corrente desappareceu uma preta da Costa, de estatura regular, secca do corpo, no rosto e nas costas marcas de nação, riscos muito finos, de idade de 20 annos pouco mais ou menos, levou no corpo camisa de algodãozinho e duas saias uma branca e outra preta, consta que anda vendendo frutas nesta praça, quem a pegar leve a estrada de João de Barros defronte da cascata que será gratificado.

— Roga-se a todas as autoridades policiaes da capital desta provincia ou de qualquer outra comarca de fora a captura de um escravo cabra, fugido do engenho Caluanda, freguezia da Luz e termo de Páo d'Alho, no dia 17 de setembro do proximo passado anno, visto que se presume, que dito cabra tenha procurado se occultar em algum lugar com o titulo de forro, illudindo a boa fé de alguem. O referido cabra por nome Antonio Francisco terá de idade em rigor 18 annos, de pouco corpo e estatura mediana, olhos pequenos e um tanto papudos, nariz aquilino, bocca e beiços salientes e conserva uma cicatriz entre um peito e outro, procedido de um signal que arrancara; este he um signal que tirará a todos de qualquer duvida: tambem presume-se que elle tenha procurado occultar-se no Recife, onde á residio por algum tempo, ou nestes arrabaldes: igualmente se recomenda a todos os capitães de campo, a quem o conhecimento deste annuncio deva interessar, promettendo-se uma paga generosa a quem o prender e leva-lo ao dito engenho Caluanda ao seu senhor Francisco Xavier Carneiro da Cunha Campello; fugira com bonete de panno, calça de riscado e camisa de madapolão.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1855

MUTILADO

ILEGÍVEL